

# A Epístola aos Hebreus

Cecil N. Wright

## INTRODUÇÃO

1. Conteúdo. Seu autor refere-se a ela como uma "palavra de exortação" (13:22) - uma expressão usada em Atos 13:15 de um sermão ou homilia. E diz-se que sua estrutura mostra muitos paralelos com um sermão de sinagoga: (a) tese (1:1-4), (b) desenvolvimento de argumentos em uma ordem lógica e (c) intercalado com exortação [exortar, encorajar -rd ] seções ("deixe-nos"). Significativamente, suas exortações são fortemente baseadas na doutrina. Os capítulos 1:1 a 10:18 são predominantemente doutrinários, com exortações intercaladas; Os capítulos 10:19 a 13:17 são predominantemente exortatórios, entrelaçados com instruções relacionadas; e o capítulo 13:18-25 encerra o documento com mensagens pessoais, incluindo uma breve exortação (v.22). Além disso, nenhuma parte das Escrituras Sagradas é mais repleta de tipologia - tipo do Antigo Testamento e correspondente antítipo do Novo Testamento.

**Estilo.** O documento foi descrito como começando como um ensaio ou tratado (1:1-4), prosseguindo como um sermão (até 13:17) e terminando como uma epístola ou carta (13:18-25) - no v. 22 mesmo usando o verbo epesteila ("escrevi"), a expressão usual para escrever uma carta, e no AV é traduzido "escrevi uma carta". Mas termina sem identificar seu autor ou indicar o local de seus endereços. Eles parecem, entretanto, se conhecerem bem (v.19; 10:34 AV) e se conhecerem mutuamente com Timóteo (v.23), um convertido e companheiro de trabalho do apóstolo Paulo. Pode ser que a epístola tenha sido projetada para um público mais amplo do que aqueles a quem foi originalmente enviada e seu autor deixado anônimo para evitar sua rejeição por causa do preconceito contra ele (uma visão mantida anteriormente). embora os mensageiros que o carregassem provavelmente informariam aqueles a quem primeiro enviaram. (Veja o terceiro parágrafo da próxima seção.)

3. Autoria. A antiga igreja do Oriente a considerava de autoria paulina. Mas essa visão nem sempre deveria ser mantida acriticamente em outros lugares. Clemente de Alexandria (155-215 DC) sustentou que Paulo escreveu a epístola em hebraico e Lucas a traduziu para o grego (porque, embora compatível em sentimento com as outras epístolas de Paulo, em geral seu grego é mais polido e seu estilo literário mais elevado e retórica do que a deles) -- e mais tarde, Eusébio (263-339) dC) dizendo que alguns acreditavam que Lucas a traduziu, e outros que Clemente de Roma fez, ele mesmo acreditava que o último provavelmente o fez porque seu estilo era mais parecido com o de Clemente. (No entanto, nenhuma testemunha de um original hebraico jamais foi citada, e a opinião de que havia uma não tem base histórica; além disso, parece ser o consenso dos especialistas linguísticos que o texto em grego não soa como uma tradução grega.) No Ocidente, Tertuliano (160-230 dC) afirmou que Barnabé foi seu autor. Orígenes (cerca de 185-254 dC), no entanto, expressou-se da seguinte forma: "Mas eu diria que os pensamentos são do apóstolo, mas a dicção e a fraseologia pertencem a alguém que registrou o que o apóstolo disse e como alguém que observou escreveu à vontade o que seu mestre ditou. Se, então, qualquer igreja considera esta epístola como vinda de Paulo, que seja elogiada por isso, pois nem aqueles homens antigos a entregaram como tal sem motivo. Mas quem foi que realmente escreveu a Epístola, só Deus sabe." pois nem aqueles homens antigos o entregaram como tal sem causa. Mas quem foi que realmente escreveu a Epístola, só Deus sabe."

Significativamente, ninguém questionou sua inspiração. E em meados, e especialmente perto do final do século IV (anos 300), sua autoria era geralmente aceita como paulina, sem as

qualificações de Clemente de Alexandria, Eusébio e Orígenes como mencionado acima, e sem ser seriamente contestado novamente por mais de mil e cem anos, no século XVI, quando, durante a Reforma Protestante, a questão da autoria foi reaberta.

Outros nomes que foram sugeridos como prováveis autores (não como tradutores ou amanuenses) incluem Apolo, Lucas, Barnabé, Silvana e Clemente de Roma. Além disso, Priscilla (com a ajuda de seu marido, Aquila) foi sugerida em 1900 DC por Harnack, um teólogo alemão. (Exceto por Clemente de Roma [que morreu em 97 DC?], esses eram amigos pessoais e colegas de trabalho de Paulo e presumivelmente teriam refletido sua teologia. Todos são puramente especulativos, é claro.)

Por causa da incerteza quanto à autoria por parte de alguns durante a era da Reforma, este documento ocupa uma posição única nas escrituras do Novo Testamento na ordem em que agora as temos na maioria das versões em inglês - o mesmo que nos manuscritos latinos, começando antes aceitação inequívoca da autoria paulina - ou seja, entre as epístolas definitivamente paulinas e as chamadas epístolas gerais. Se tivesse sido considerado de autoria paulina com certeza, provavelmente teria sido colocado, por causa de seu tamanho, depois de 2 Coríntios. No entanto, na maioria dos manuscritos gregos ocorre entre 2 Tessalonicenses e 1 Timóteo.

Alguns têm insistido, no entanto, que o próprio fato de o documento ser anônimo é uma evidência presumível de que foi escrito por Paulo, sendo a situação histórica o que era. Foi alegado por vários "pais" da igreja primitiva que ele não afixou seu nome a ele, pelo menos sua aparência poderia impedir muitos de seus irmãos judeus de lê-lo e julgá-lo por seus próprios méritos. E que não havia outro contra quem houvesse um preconceito tão forte e geral entre os judeus convertidos e não convertidos daquela época, é um fato incontroverso da história.

Talvez o argumento mais forte contra a autoria paulina seja que em 2:1-4 o escritor parece se colocar entre aqueles a quem o evangelho foi levado por homens que ouviram o Senhor e por meio dos quais foi confirmado por milagre, enquanto Paulo é no registro como negando explicitamente que ele o havia recebido do homem ou havia sido ensinado, exceto "por revelação de Jesus Cristo" (Gálatas 1:11-12).

Mas Robert Milligan, na introdução de seu comentário sobre Hebreus (pp.14-15), nesta resposta: "O autor não costuma se associar com seus leitores com o propósito de ganhar mais efetivamente seus corações e suavizar suas próprias advertências? No sexto capítulo desta mesma epístola, o autor diz: 'Portanto, deixando os primeiros princípios da doutrina de Cristo, prossigamos até a perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus, da doutrina dos batismos e da imposição de mãos e da ressurreição dos mortos e do julgamento eterno. E isso faremos se Deus permitir.'"

Continuando, ele diz: "Agora devemos inferir disso, que o escritor desta epístola era tão delinquente quanto aqueles a quem ele escreveu? Devemos inferir disso que ele, assim como eles, precisava ser instado e admoestado a chegar à perfeição no conhecimento cristão; e que ele, assim como seus leitores, estava realmente em perigo de apostatar em consequência de sua indesculpável negligência da palavra de Deus? Certamente não. A própria epístola é uma refutação completa e perfeita de toda e qualquer alegação. Mas, por uma figura de linguagem

comum, o apóstolo aqui se associa a seus leitores, com o objetivo de suavizar suas advertências; e referindo-se com mais delicadeza às suas provações, interesses e perspectivas comuns.

Finalmente, Milligan diz (pp.18-19): "Que Lucas pode ter servido como amanuense de Paulo ao compô-lo; e que, como um homem inspirado, ele pode, com o consentimento de Paulo, ter modificado em alguma medida o estilo do Apóstolo, é nada improvável. Mas, a menos que ignoremos totalmente o testemunho dos pais cristãos, somos forçados a acreditar que o próprio Paulo é o verdadeiro autor desta epístola.

4. Destino. Embora não haja nenhuma indicação quanto ao destino geográfico do documento (alguns defendem Jerusalém, outros Roma ou Alexandria, embora possa não ter sido nenhum dos dois), ele parece ter sido elaborado principalmente para cristãos judeus em perigo, não apenas de apostasia (2:1; 4:1), mas também de total apostasia (6:4-6; 10:26-29). Não há nenhum ponto de controvérsia com pagãos ou cristãos gentios tocados, e nem mesmo uma menção de gentios como tal (cf. 2:16), mas um grave perigo de se tornar irreligioso ou voltar ao judaísmo - este último principalmente - - daí uma forte ênfase na superioridade do cristianismo sobre o judaísmo e de Cristo sobre todos os seres criados no céu ou na terra.

O teor geral do documento -- (a) uso de termos filosóficos helenísticos ocasionais e (b) todas as citações do Antigo Testamento sendo, não do texto hebraico, mas da tradução grega da LXX), usadas por judeus helenísticos e gregos cristãos falantes - pode indicar que os destinatários estiveram em um ambiente de judaísmo helenístico, em vez de Jerusalém ou Palestina. Mas isso não é conclusivo. Pois é dito que Paulo citou tanto o texto hebraico quanto a LXX nas epístolas que levam seu nome e endereçadas a crentes judeus e gentios no mundo helenístico. E na própria Jerusalém Pilatos colocou uma inscrição sobre a cruz de Cristo não apenas em hebraico, mas também em latim e grego (helenístico) (Lucas 23:38, AV; João 19:20). Então,

Na versão King James, o título do documento diz: "A Epístola do Apóstolo Paulo aos Hebreus", e o termo "Hebreus" na época do documento geralmente, mas nem sempre, se referia aos judeus palestinos. Esse título, no entanto, baseia-se em manuscritos tardios e não é oficial. No entanto, o título nos manuscritos mais antigos, dito ser simplesmente "Aos hebreus", não é diferente quanto aos destinatários. E, embora provavelmente não tenha feito parte do documento original, foi adicionado em uma data muito antiga - e muito provavelmente indica uma crença muito antiga de que foi escrito para judeus que viviam na Palestina.

É verdade que Paulo se referia a si mesmo como "hebreu de hebreu" (Filipenses 3:5), embora cidadão de Tarso, cidade da Cilícia (Atos 21:39). Mas ele também foi "criado nesta cidade [Jerusalém], aos pés de Gamaliel, instruído de acordo com a estrita lei de nossos pais" (Atos 22:3). Aparentemente, foi este último que o autorizou a se chamar hebreu.

5. Hora da Escrita. Não há nenhuma prova segura no texto em relação a isso também. A última época possível teria sido o início dos anos 90 dC, pois é citado por Clemente de Roma por volta de 95 ou 96 dC. de Jerusalém em 70 DC - que pode muito bem ter sido "o dia que se aproxima" de 10:25, como foi sustentado por um número respeitável de estudiosos. E os textos de 8:4 e 10:11 parecem indicar que os sacrifícios diários ainda eram oferecidos, o que não era verdade depois da destruição de Jerusalém e de seu templo. (Veja também o parágrafo seguinte.)

6. Local de Escrita. Alguns tomaram 13:24 ("Eles da Itália saúdam você") para indicar que o autor estava fora da Itália entre companheiros italianos que estavam enviando saudações de volta para casa para uma comunidade em algum lugar da Itália - o que tornaria Roma o destino mais provável do documento. . Mas isso não se segue necessariamente. A passagem também poderia significar que o autor estava na Itália, escrevendo para uma comunidade em outro lugar e que os italianos mencionados eram residentes locais enviando saudações aos leitores. No caso de Paulo ser o autor, no entanto, provavelmente isso foi escrito em Roma logo após a libertação de sua primeira prisão, por volta de 63 DC.

7. Relevância. Embora escrito para um determinado grupo local de cristãos em um determinado momento da história, o documento é de relevância perpétua para todos os cristãos - tanto para edificação quanto para exortação - pois a natureza humana não muda e perigos semelhantes aguardam os cristãos de todas as gerações. -- nossa geração não sendo de forma alguma uma exceção. Fornecendo um dos estudos mais ricos das Escrituras Sagradas, foi dito que "nenhum livro da Bíblia é mais completamente reconhecido pelo consentimento universal como dando uma visão divina do evangelho, cheio de lições para todos os tempos". E esse valor independe de onde foi escrito, por quem foi escrito ou para quem foi originalmente enviado e se podemos ou não verificar esses dados para nossa total satisfação.

### **Visão geral**

1. Deus, tendo falado muitas vezes e de muitas maneiras aos pais pelos profetas, nestes últimos dias nos falou por um Filho - um Mensageiro maior (implícito) - uma comparação entre ANTES e AGORA (vs . 1-2).

2. Este Filho (a) Deus designou herdeiro de todas as coisas; (b) através dele ele fez os mundos (aionas, eras); (c) ele é o esplendor da glória de Deus e a exata semelhança de seu Ser, (d) e sustenta todas as coisas por sua poderosa palavra; (e) quando ele fez a purificação dos pecados [uma função sacerdotal], ele se assentou à direita da Majestade nas alturas [indicativo de realeza, compartilhando a soberania do universo], (f) tornando-se muito melhor do que o os anjos afirmaram explicitamente, herdaram um nome mais excelente do que eles (este pensamento é elaborado no restante do capítulo 1 [Cf. Filipenses 2:5-11] e suas implicações discutidas no capítulo 2) (vs.2b-4).

NOTA: O "filho" por meio de quem Deus falou agora é o "Senhor" (2:4), "Jesus" (2:9). O "Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão" (3:1), e "Cristo" (3:6). Estes e os anteriores devem ser elaborados à medida que o texto avança.

### **II. FILHO MAIOR QUE OS ANJOS (1:5 - 2:18).**

1. Fatos que apóiam essa afirmação (1:5-14): (a) Deus não disse a nenhum anjo: "Tu és meu Filho" (v.5); (b) Quando o Filho veio ao mundo, os anjos foram ordenados a adorá-lo (v.6); (c) Deus faz de seus anjos espíritos (não carne), e seus ministros (os anjos) uma chama de fogo (possivelmente no sentido de que Deus é um fogo consumidor, 12:29) (v.7) - que, exaltado e por mais poderosos que sejam, adoram o Filho (o que parece ser a implicação); (d) O Filho chamado Deus, tem um reino eterno e é ungido com óleo de alegria acima de seus "companheiros" (acima

de todos os outros reis, tornando-o "Senhor dos senhores e Rei dos reis", Apocalipse 17:14) (vs.8-9); (e) O Filho chamou Senhor, e teve parte na criação do universo, que há de perecer, será mudado, mas permanecerá o mesmo e os seus anos não acabarão (vs.10-12); (f) Nenhum anjo jamais disse por Deus, como foi o Filho, "Senta-te à minha direita" (v.13; cf. Atos 2:34-36); (g) Anjos são todos espíritos ministradores (não governantes), enviados para servir aos herdeiros da salvação (v.14).

2. Implicações Envolvidas na Disse Afirmação (2:1-18): (a) Necessidade de levar a mensagem falada por meio do Filho ainda mais a sério do que aquela falada por meio de anjos (como era a lei de Moisés, Atos 7:53; Gálatas 3 :19) (vs.1-4); (b) O mundo vindouro não foi submetido aos anjos, mas ao homem na pessoa de Jesus, seu Filho, participante da carne e do sangue (não da natureza dos anjos, e não para ajudar os anjos) para ser capaz de morrer por seus irmãos (seres humanos, com os quais se identificava), vencer a morte e livrá-los de sua escravidão, tornando-se seu Sumo Sacerdote e fazendo propiciação pelos seus pecados (vs.6-18).

### III. FILHO MAIOR QUE MOISÉS

(APÓSTOLO DE DEUS PARA ISRAEL E TIPO DE CRISTO) (3:1 - 4:13)

1. Fato da Grandeza Superior (1:1-6): (a) Teve parte na construção da casa de Deus (Israel), Moisés não (vs.1-4); (b) Moisés era um servo fiel na casa de Deus, mas Cristo como um Filho sobre a casa de Deus - "de quem somos nós, se retivermos firmemente a nossa ousadia e a glória da nossa esperança até o fim" (vs.5- 6).

2. Exortações para atender às qualificações para constituir a Casa de Deus (3:7 - 4:13); (a) "Não endureçais vossos corações, como na provocação... no deserto" (3:7-19); (b) "Temamos" não alcançar a promessa de entrar no descanso de Deus para o seu povo" (4:1-11) - pois não podemos enganar aquele com quem temos de tratar (vs.12-13).

### 4. FILHO MAIOR QUE AARÃO

(SUMO SACERDOTE PARA ISRAEL, E UM TIPO DE CRISTO) (4:14 - 6:20).

1. Maiores Qualificações de Cristo (4:14 - 5:14); (a) Passou "pelos céus", com acesso imediato a Deus, mas pode ser "tocado com os sentimentos de nossas enfermidades", porque ele foi "tentado como nós, mas sem pecado"; portanto, devemos "aproximar-nos com ousadia do trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça que nos ajude em tempo oportuno" (4:14-16); (b) Qualificações de um sumo sacerdote tomadas dentre os homens (5:1-4); (c) As qualificações superiores de Cristo, incluindo ser um sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque (5:5-10) – difícil de discutir porque os leitores se tornaram “bobos de ouvir” (vs.11-14).

2. Exortações Baseadas na Precária Condição dos Leitores (6:1-20); (a) Deixar os primeiros princípios e prosseguir até a perfeição (maturidade espiritual) (vs.1-3); (b) Para evitar a apostasia e sua condenação certa (vs.4-8); (c) Para ser "não indolentes, mas imitadores daqueles que pela fé e paciência (makromimetai, longanimidade) herdaram as promessas" (vs. 9-12); (d) Para ser

assegurado, como foi Abraão, pelo imutabilidade do conselho de Deus, de modo a ter "forte encorajamento" e esperança inabalável como uma "âncora da alma", alcançando além do "véu", onde Jesus como precursor entrou por nós, "tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque" (vs.13-20).

## V. SUPERIORIDADE DO SACERDÓCIO DE MELQUISEDEQUE SOBRE AARÔNICO

(LEVÍTICO) SACERDÓCIO (7:1-28).

1. Maneiras em que Melquisedeque era diferente e superior (vs.1-25); (a) Melquisedeque tanto rei como sacerdote (verdadeiro também de Cristo, mas não de Aarão) (vs.1-2); (b) Seu sacerdócio não é hereditário, e não tendo início de dias registrado ou fim de vida, ele "permanece como sacerdote continuamente" por assim dizer (verdadeiro de Cristo também, mas não de Aarão) (v.3); (c) Ele era maior do que Abraão, abençoando-o ("o menos é abençoado do melhor"), e recebendo dízimos dele, de modo que, por assim dizer, Levi (um bisneto de Abraão e pai dos sacerdotes de Israel) pagou-lhe o dízimo por intermédio de Abraão, porque ainda estava nos lombos deste último (vs.4-10).

2. Imperfeição do sacerdócio levítico sob o qual a Lei (de Moisés) foi recebida (vs.11-14): (a) Visto na necessidade de outro sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, e não segundo a ordem de Aarão ( v.11); Visto em uma mudança da lei, para permitir que surgisse um sacerdote da tribo de Judá, da qual Moisés nada falou a respeito de sacerdotes (vs.12-14).

3. Superioridade do Sacerdócio de Cristo Segundo a Ordem de Melquisedeque (vs.15-28): (a) Feito, não segundo a lei de um mandamento carnal, mas segundo o poder de uma vida sem fim (akatalutou, indestrutível) (vs .15-17); (b) trouxe uma esperança melhor do que a lei que havia sido anulada, pela qual nos aproximamos de Deus (vs.18-19); (c) Feito com juramento, ao passo que o sacerdócio levítico não o era, e Jesus como Sacerdote tornou-se "o fiador de melhor aliança" (vs.20-22); (d) Fornece um sacerdócio imutável, de modo que o Sacerdote após a nova ordem pode salvar totalmente aqueles que se aproximam de Deus por meio dele, enquanto os sacerdotes levíticos não podiam, porque eles mesmos foram impedidos pela morte de continuar (vs. 23-25); (e) Provado e ilustrado pelo próprio caráter puro e imaculado de Cristo e a perfeição de sua única oferta pelos pecados do mundo (vs.26-28).

## VI. SUPERIORIDADE DO MINISTÉRIO DE SUMO SACERDOTE DO FILHO

(COM IMAGEM EMPRESTADA DO RITUAL DO GRANDE DIA DA EXPIAÇÃO) (8:1-18).

1. Em um Tabernáculo superior (Celestial) (8:1-5).

2. Sob uma Nova e Melhor Aliança (8:6-13).

3. Elaboraões sobre o precedente (9:1-28): (a) Natureza e limitações da primeira aliança e suas ordenanças (9:1-10); (b) Sacrifício maior e mais eficaz sob a Nova Aliança (9:11-14); (c) Cristo, não Moisés, o Mediador da Nova Aliança (9:15-22); (d) O próprio Cristo, não animais, o sacrifício perfeito sob a Nova Aliança (9:23-28).

4. Realidade (Antítipo) Agora Versus Sombra (Tipo) Anteriormente (10:1-18): (a) O sistema levítico (sob a lei de Moisés) continha apenas uma sombra de coisas boas por vir, e não totalmente

eficaz (vs. 1-4); (b) Cristo, o sacrifício final, representa a realidade suprema renunciada, e o sacrifício de si mesmo é completamente eficaz (vs.5-18).

## **VII. SEÇÃO HORTATÓRIA E PRÁTICA COM BASE NO ANTERIOR(10:19 - 13:17).**

1. Exortação para Aproximar-se de Deus por meio de Cristo e Não Apostatar (10:19-39): (a) Aproximar-se com um coração sincero em plenitude de fé (vs.19-22); (b) Reter a confissão de nossa fé (v.23); (c) Considerai-vos uns aos outros para estimular o amor e as boas obras, não deixando de congregar (vs.24-25); (d) Se pecarmos voluntariamente depois de termos recebido o conhecimento da verdade", incorremos com certeza na vingança de Deus (vs. 26-31); (e) Mas lembre-se de seus dias anteriores, depois que você foi iluminado, como você sofreu e sacrificou, e veja que você não perde sua recompensa, perseverando em sua fé para a salvação da alma, em vez de recuar para a perdição (vs. 32-39).

2. A fé dos heróis do passado apresentados como exemplos a serem imitados (11:1-40); (a) Natureza da fé (vs.1-3); (b) Exemplos de antediluvianos: Abel (v.4), Enoque (vs.5-6), Noé (v.7), (c) Fé de Abraão, Isaque, Jacó, Sara e José (vs.8- 22); (d) Fé de Moisés e dos israelitas, também de Raabe (vs.23-31); (e) Outros exemplos de fé (vs. 32-40).

3. O Exemplo de Jesus (12:1-3): (a) Cercados por uma nuvem de testemunhas como a anterior, corramos com paciência (humildade, firmeza, perseverança) a carreira que nos é proposta (v.1) ; (b) Faça isso olhando (atentamente, desviando o olhar) para Jesus, o autor (arcego, líder principal, pioneiro) e consumidor de nossa fé, para que você não se canse, desmaiando em suas almas (vs.2-3); (c) as dificuldades e provações da vida cristã são benevolmente intencionadas como disciplina para moldar nosso caráter (vs.4-11).

4. Exortação Adicional para Perseverar (12:12-29); (a) Com base no anterior (vs.12-17); (b) BASEADO TAMBÉM NA TREMENDA SUPERIORIDADE DE NOSSA EXPERIÊNCIA DE IR A DEUS NO MONTE SIÃO NA JERUSALÉM CELESTIAL ATRAVÉS DE CRISTO SOBRE A DE IR A DEUS NO MONTE SINAI NA TERRA SOB MOISÉS (vs.18-29).

5. Exortação aos Deveres da Vida Cristã (13:1-17); (a) Deveres sociais -- amor fraterno, hospitalidade, lembrança dos cativos, casamento honrado e imoralidade evitada, liberdade do amor ao dinheiro, contentamento com o que temos (vs.1-6); (b) Deveres religiosos -- lembrar-se dos ex-líderes (possivelmente já falecidos) e imitar sua fé (porque Jesus é sempre o mesmo e espera de nós o que esperava deles), evitar ser levado por vários e estranhos ensinamentos, estabelecer-se com graça (através de Cristo, embora traga reprovação) e não com ritualismo judaico, por Cristo, louve a Deus continuamente, faça o bem e compartilhe o que você tem, obedeça aos que têm o domínio sobre você (tois hegoumenois humon, os líderes de vocês ) -- seus líderes atuais (vs.7-17).

## **VIII. CONCLUSÃO EPISTOLÁRIA (13:18-25).**

1. Pedido do Escritor - pela oração dos leitores, para que ele possa ser restaurado a eles o mais cedo (vs.18-19).

2. Bênção (vs.20-21).

3. Mensagens Pessoais (vs.22-23): (a) Exortação para "suportar a palavra de exortação" que o escritor acabara de escrever (v.22); (b) Informação de que "nosso irmão Timóteo foi posto em liberdade", com o escritor expressando esperança de vê-los com ele em breve (v.23); (c) Solicitar que os leitores saúdam seus líderes e todos os santos – presumivelmente por ele (v.24a); (d) Os de (apo, de, ou da) Itália (que presumivelmente estão com o escritor) saúdam os leitores (v.24b).

4. Bênção final (v.25).

### **Anjos - Seus Ministros** Capítulo 1:7 (Do Salmo 104:4)

Traduções:

Salmo 104:4"Quem faz de seus anjos espíritos, Seus ministros uma chama de fogo" - com "servos" como uma leitura alternativa para "anjos" (NKJ V).

"Quem faz ventos seus mensageiros; chamadas de fogo seu ministro" - com "seus anjos ventos" como uma leitura alternativa para "ventos seus mensageiros" (American Standard Version).

Hebreus 1:7: "E dos anjos, Ele diz: 'Quem faz de seus anjos espíritos E de Seus ministros uma chama de fogo" (New King James Version).

"E dos anjos ele diz: Quem faz dos seus anjos ventos, E do seu ministro uma chama de fogo" (American Standard Version).

Paráfrases e/ou Comentários:

James Macknight, As Epístolas Apostólicas: "Quem fez Seus anjos substâncias espirituais, e seus ministros uma chama de fogo; - isto é, a maior coisa dita dos anjos é que eles são seres não obstruídos com carne, que servem a Deus com o máximo atividade."

Neil R. Lightfoot, Jesus Christ Today: "Mas é possível outra tradução do hebraico [do Salmo 1:4:4 na American Standard Version] que, em vez de fazer ventos, Seus mensageiros fazem Seus mensageiros (ou ângulos) ventos. é a tradução da Septuaginta, que é seguida pelo autor [de Hebreus], mostrando que Deus é capaz de fazer com os anjos tudo o que deseja. Ele pode transformá-los em ventos ou em chamadas de fogo. Anjos, no seu mais alto, são meros servos. Eles não têm vontade ou regra própria.\* Eles não dão ordens, eles obedecem."

\* Eles não têm vontade própria, exceto obedecer ou desobedecer a Deus, como acontece com os cristãos. Mas eles podem pecar, e alguns pecaram (2 Pedro 2:4; Judas 6). -- CNW

Comentário Bíblico de Cambridge: "Citação: Salmos 104:4. Originalmente uma declaração sobre Deus: 'Aquele que faz dos ventos seus anjos [isto é, mensageiros], e das chamadas ardentes seus servos [ministros]' (CT). Nosso escritor inverte o significado -- talvez seguindo o escritor de 2 Esdras 8:22, que faz o mesmo - de modo que isso significa que os anjos fazem as tarefas de Deus no mundo da natureza. Eles são servos de Deus."

Comentários Tyndale do Novo Testamento: "A tradução do hebraico [do Salmo 104:4] poderia ser 'Deus faz dos ventos Seus mensageiros e das chamadas de fogo Seus servos.' A LXX, que é



seguida pelo autor, tem 'Ele faz de Seus anjos ventos e Seus servos uma chama de fogo.' (...) Alguns sugeriram que Deus muitas vezes veste os anjos 'com as vestes mutantes dos fenômenos', transformando-os, por assim dizer, em ventos e chamas. no reino da natureza. Para conseguir isso, eles podem cooperar com os ventos da tempestade e as chamas de fogo, como fizeram no Monte Sinai. Mas, por mais importante que seja seu serviço e por mais perfeito que seja seu desempenho, eles ainda são os mensageiros e servos de Deus. O Filho, ao contrário, é dirigido pelo Pai não como um mensageiro, mas como Deus,

AT Robertson, Word Pictures in the New Testament: "Luneman sustenta que o hebraico aqui é traduzido erroneamente e significa que Deus faz dos ventos seus mensageiros (não anjos) e do fogo flamejante seus servos. Isso é tudo verdade [que ele faz isso], mas esse não é o ponto desta passagem. Os pregadores também são às vezes como uma tempestade de vento ou um incêndio.

NOTA: Na figura de linguagem chamada metáfora, a comparação não é declarada por "como" ou "como", mas como realidade, como na declaração do poeta: "Meu amor é uma rosa vermelha, vermelha", ou em Hebreus 12 :29, "Nosso Deus é um fogo consumidor." Com efeito, Robertson está representando Hebreus 1:7 como uma declaração metafórica.

Comentário Homilético do Pregador: "A força da passagem reside na vivacidade com que apresenta o pensamento do Altíssimo servido por anjos que 'na sua velocidade de licitação', incansável como o vento, sutil como o fogo." (Com efeito, outra representação da passagem como metafórica.)

Testamento Grego do Expositor: "O escritor [de Hebreus] aceita a tradução LXX [do Salmo 104:4] e serve ao seu propósito de exibir que a função característica dos anjos é o serviço, e que sua forma e aparência dependem da vontade de Deus. Isso foi a visão judaica atual."

R. Milligan, Epístola aos Hebreus: "Mas qual é o significado da palavra pneumata na primeira cláusula? Significa espíritos, como em nossa Versão Comum [Versão King James], ou significa ventos, como alguns alegaram ? Isso deve ser determinado pelo escopo da passagem, que evidentemente não é degradar, mas exaltar os anjos tanto quanto possível, com o objetivo de exaltar o Filho ainda mais alto em comparação.

“Dizer, então, que Deus torna seus anjos tão fortes quanto os ventos e tempestades irresistíveis harmonizaria muito bem com o desígnio do apóstolo; e também com o escopo e a construção da próxima cláusula em que os ministros de Deus são comparados, não apenas com fogo, mas com uma chama de fogo. [Isso seria entender a passagem metaforicamente. - CNW] Mas neste caso, embora a palavra ruach possa ter sido usada no hebraico [e era], provavelmente teria sido traduzida pelo grego anemos, como em Êxodo 10:13, 19; 14:21, etc., e não por pneuma, cujo significado atual, tanto na literatura clássica quanto na sagrada, é sopro ou espírito. denota um vento violento ou tempestade, a menos que seja usado figurativamente, como em Ex.15.8, 10, para o sopro de Jeová.

"Muito mais, então, em harmonia com o contexto e o uso geral está a palavra espírito dada em nossa versão em inglês. Ao longo de toda a Bíblia, a palavra espírito frequentemente está em antítese com a palavra carne; esta última sendo usada simbolicamente para tudo o que é fraco,

frágil, depravado e corruptível; e o primeiro, da mesma maneira, pelo que é forte, puro e incorruptível. irmãos hebreus do que chamá-los de espíritos; isto é, seres 'que se destacam em força' e que são totalmente removidos de todas as fraquezas, impurezas e imperfeições da carne".

"Isso também corresponde bem à história dessas puras inteligências celestiais, tanto quanto é dado nas Sagradas Escrituras. Eles sempre serviram como ministros de Deus (leitourgoi), diante dos quais os inimigos de Jeová frequentemente derreteram como cera ou restolho diante de uma chama de fogo. Isso é abundantemente provado e ilustrado pela derrubada de Sodoma e Gomorra (Gen. XIX.1-26), a destruição dos primogênitos dos egípcios (Ex.xii,29,30); punição dos israelitas sob David (2 Sam.xxiv.15-17), a derrota das hostes de Benhadad rei da Síria (2 Reis vi.8-23), e a derrubada do exército de Senaqueribe (2 Reis xix. 35)."

### **Observações Finais:**

O leitor pode ver que Hebreus 1:7 apresenta um problema de tradução. É representado nas diferenças entre os textos da New King James Version (bem como a antiga KJV) e a American Standard Version, e por leituras alternativas em suas margens. Tem a ver principalmente, no entanto, se pneumata deve ser traduzido como "espíritos" ou "ventos".

Se traduzido como "ventos", então tanto "ventos" quanto "fogo" são mais prováveis de serem entendidos metaforicamente, de acordo com um bom número de comentaristas. Se traduzido como "espíritos", como nas versões King James, "fogo" ainda é mais provável de ser entendido metaforicamente.

Macknight e Milligan estão de acordo, e ambos estão em harmonia com a versão textual King James e New King James. Mas Milligan se esforça para argumentar longamente em apoio a essa interpretação e torna o que para este escritor é um caso convincente.

Isso explica a redação de II, I, (c) em seu esboço de Hebreus como segue: "Deus faz de seus anjos espíritos (não carne), e seus ministros (os anjos) uma chama de fogo (possivelmente no sentido de que Deus é um fogo consumidor, 12:29)" - isto é, metaforicamente.

## **mundos vindouros**

### **Capítulo 2:5, 9**

1. HEBREUS 2:5: "Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo vindouro, de que falamos."

Em nossas versões comuns do Novo Testamento em inglês, há quatro palavras diferentes traduzidas como "mundo" (aion, idade, 38 vezes; ge, terra, 1 vez; kosmos, geralmente referindo-se ao universo, 186 vezes; e oikoumene, referindo-se a a terra habitável ou habitada, 14 vezes). A última é a palavra para "mundo" no texto acima. Ocorre 15 vezes no Novo Testamento, traduzido como "mundo" em Mateus; 24:14; Lucas 2:1; 4:5; Atos 11:28; 17:6,31; 19:27; 24:5; Romanos 10:18; hebr. 1:6 (acima); 2:5; Ap.3:10; 12:9; 16:14, e traduzido como "terra" em Lc. 21:26.

Com a possível exceção de "o mundo vindouro" no texto acima, todas as referências são à nossa terra atual ou, figurativamente falando, seus habitantes, como pode ser visto ao examinar cada passagem. Mas não há total concordância entre os comentaristas quanto ao significado de "o mundo vindouro" (ten oikoumen ten mellousan, a vindoura terra habitada, 2:5), que não é a mesma expressão em grego que "o mundo vindouro" em 6:5 (mellontos aionos, uma era vindoura). Observe o seguinte:

1. The Cambridge Bible Commentary: "o mundo vindouro: o mundo celestial, que em certo sentido é o tema de toda a carta".

2. BW Johnson, People's New Testament with Notes: "Literalmente, 'a terra habitada do futuro'. A dispensação judaica foi chamada pelos judeus de 'o mundo atual'. Uma dispensação a seguir seria o mundo vindouro.' A referência é mais para as futuras eras do evangelho do que para o mundo eterno."

OBSERVAÇÕES PESSOAIS: Quer a conclusão de Johnson esteja correta ou não, o raciocínio pelo qual ele chega a ela não é conclusivo. Pode ou não estar correto com referência a Mateus 12:32, "nem neste mundo, nem no vindouro" (oute en touto to aioni oute en mellonti), pronunciado enquanto Cristo ainda estava vivo e antes do a era judaica havia terminado. Mas em Ef. 1:21, escrito depois que a era judaica terminou e a era do evangelho já a sucedeu, "não apenas neste mundo, mas também no que há de vir" (ou monon en to aioni touto alla kai en to mellonti), obviamente significa não apenas na presente dispensação cristã na terra, mas também na era eterna que se seguirá.

E o próprio Jesus (Marcos 10:30; Lucas 18:30), antes do fim da era judaica, prometeu a seus apóstolos certas bênçãos "agora neste tempo... e no mundo vindouro a vida eterna" (nun en to kairo... kai en to aioni to erchomeno zoen aionion) -- obviamente referindo-se às bênçãos em sua vida na terra e à vida eterna no mundo eterno por vir.

Além disso, em Lucas 20:34-36 Jesus disse: "Os filhos deste mundo (ainos touto, desta era) casam-se e dão-se em casamento; mas aqueles que são considerados dignos de alcançar aquele mundo (ainos ekainou, aquele velhice), e a ressurreição dentre os mortos, nem se casam, nem se dão em casamento; porque já não podem morrer; porque são iguais aos anjos; e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição". Claramente, isso não se refere à era judaica como "este mundo" e à dispensação cristã na terra como "aquele mundo".

Portanto, parece que a conclusão de Johnson, seja correta ou não, não é adequadamente apoiada por sua premissa.)

' Qualquer que seja o significado aplicado à frase, ela não está sujeita aos anjos; apenas afirma que a nova ordem não estará em sujeição então, mas a Cristo, o Filho do homem".

4. James Macknight, Apostolical Epistles: "A dispensação do evangelho é chamada ainos milloutos, a era vindoura, Hebreus 6:5, mas nunca oikoumene millousan, o mundo habitável por vir. A frase, se não me engano, significa o celestial país prometido a Abraão e sua semente espiritual. Portanto, como oikoumene, o mundo, Lucas 2:1, e em outros lugares, por uma figura

de linguagem usual, significa os habitantes do mundo, a frase oikoumene millousan pode muito bem significar os habitantes do mundo vindouro, chamado [em] Hebreus 1:14 'Aqueles que herdarão a salvação.'"

5. Robert Milligan, Epístola aos Hebreus: "O mundo vindouro (he oikoumene he mellousa) significa, não a era vindoura (ho aion ho mellon) como em Mateus 12:39, etc., mas o mundo habitável sob a reino e governo do Messias (cap.1:6). É o mundo em que agora vivemos; e no qual, quando tiver sido purificado do pecado [ênfase adicionada], os remidos viverão para sempre. Pois o homem, foi criado primeiro (Gn. 1:28-31), e ao homem ainda pertence pelo imutável decreto de Jeová".

OBSERVAÇÕES PESSOAIS: O comentário de Milligan faz com que a terra habitada abranja os mundos presente e futuro (eras) sob o reinado do Messias, e parece ter muito a recomendá-lo.

Chegará o tempo em que o primeiro céu e a primeira terra (a terra com sua expansão ao redor chamada céu, também chamada céus) passarão, mas serão substituídos por um novo céu e uma nova terra como um continuum, onde habita a justiça (2 Ped. 3:12-13; Ap.20:11; 21:1-2), com uma cidade, a nova Jerusalém, desce do céu da parte de Deus (Ap.21:10-11), habitada por aqueles cujos nomes são escrito no livro da vida do Cordeiro (Ap.21:24-27).

Além disso, desde sua ressurreição e ascensão, Cristo tem toda a autoridade no céu e na terra (Mateus 28:19), e reinará em ambos até que todos os inimigos tenham sido postos sob seus pés (Atos 2:33-35), o último dos quais será a morte, e após sua destruição (ver Ap.20:13-14) e o fim da presente terra, ele entregará o reino ao Pai, tornando-se sujeito a ele (1 Cor.15:20- 28) - evidentemente, porém, embora subordinado, sendo co-regente para todo o sempre (ver Heb.1:8; Isa.9:6-7; Dan. 2:44; Apoc.22:1-5). Nota: Deve-se insistir que as três primeiras dessas passagens não abrangem necessariamente a eternidade, certamente Apoc. 22:1-5 o faz, durante o qual haverá "o trono de Deus e do Cordeiro" - no "Jerusalém celestial" (Hebreus 12:22) venha para a "nova terra" (Apoc.21:1-2, 10) -- o céu e a terra tornam-se um,

II. HEBREUS 2:9: "(a) Mas nós contemplamos aquele que foi feito um pouco menor do que os anjos, a saber, Jesus, -- (b) por causa do sofrimento da morte coroado com glória e honra, -- (c) que pela graça de Deus, ele deveria provar a morte por todos os homens".

Tal (do ASV) é o mais próximo possível de uma tradução literal do original e, para representar e destacar o original gramaticalmente, introduzimos seus três componentes principais com (a), (b) e (c) e os separamos por travessões.

Isso torna evidente que (b) e (c) estão igualmente relacionados a (a) e que (b) ou (c) poderiam ser omitidos sem violar a estrutura gramatical da frase. No entanto, fazer isso não diria que todo o autor queria impressionar. Da mesma forma, torna-se evidente que (b) relaciona-se mais intimamente com o v.8 anterior, e (c) mais intimamente com o seguinte v.10-18; e isso provavelmente explica a ordem de menção contrária à ordem de ocorrência.

Várias traduções procuraram melhorar a comunicação do pensamento parafraseando, algumas em maior grau do que outras - mas não sem obscurecer até certo ponto as precisas conexões de

pensamento que acabamos de mencionar. Os exemplos a seguir são oferecidos, com graus crescentes de paráfrase, e o leitor julgará se eles apresentam uma melhoria geral para ele ou ela, e quanto.

NVI: "mas vemos Jesus, que foi feito um pouco menor que os anjos, agora coroado de glória e honra porque sofreu a morte, para que pela graça de Deus pudesse provar a morte por todos."

NAB: "Mas vemos Jesus coroado de glória e honra porque sofreu a morte: Jesus, que foi feito um pouco menor que os anjos, para que, pela vontade graciosa de Deus, pudesse provar a morte por causa de todos os homens."

barclay: "O que vemos é Jesus. Por um curto período de tempo, ele foi feito inferior aos anjos. Mas agora o vemos coroado de glória e honra, por causa da morte que sofreu, pois era o gracioso propósito de Deus que Jesus deveria experimentar a morte para todos."

Phillips: "O que realmente vemos é Jesus, depois de ser temporariamente inferior aos anjos (e, portanto, sujeito à dor e à morte), a fim de que, pela graça de Deus, prove a morte por todo homem, agora coroado de glória e honra. " (Phillips faz um belo trabalho de reorganização de acordo com a ordem de ocorrência, mas, ao fazê-lo, confunde as conexões de pensamento precisas mencionadas acima.)

### **Palavra... Dividindo Alma e Espírito**

#### Capítulo 4:12-13

Texto (ASV): "12. Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão da alma e do espírito, das juntas e medulas, e pronta para discernir o pensamentos e intenções do coração. 13. E não há criatura que não seja manifesta à sua vista: mas todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar.

Esses versículos são o clímax de uma exortação urgente para os cristãos, sob Cristo, não cometerem o erro que Israel cometeu sob Moisés e, por desobediência à palavra de Deus, perdeu a perspectiva e a promessa de entrar em Canaã com seu descanso da escravidão egípcia e os rigores de sua jornada no deserto, que era um tipo do descanso na Canaã celestial para todos os filhos fiéis de Deus - do qual o sábado semanal dado ao Israel carnal também era um tipo.

O versículo 12 trata da influência subjetiva da palavra de Deus com referência aos nossos corações, se permitirmos acesso e operação adequados. O versículo 13 descreve uma função objetiva comparável da parte do próprio Deus com referência a nós mesmos - o que deveria ser uma forte motivação para permitir que sua palavra domine nossas vidas.

1. "A palavra de Deus." Aqui a frase obviamente se refere à palavra de Deus conforme falada por meio dos profetas (1:1). Anjos (2:2), e seu Filho (1:2; 2:3), e não a Cristo como o Verbo encarnado, como em Ap.19:13 (cf. Jo.1:1,14; 2: Jo. .1). Mas a palavra introdutória "porque" faz com que sua aplicação específica tenha a ver com o "descanso sabático para o povo de Deus" (4:4), e particularmente quanto a quem pode ou não entrar nele, conforme falado por meio de Moisés (3: 5) e Davi (4:7) e aqui através do porta-voz inspirado de Cristo, o escritor da Epístola

aos Hebreus (3:7 - 4:11), e sem dúvida também através de outros de seus porta-vozes (veja 4:1-2, 11).

2. "Viva e ativa." Isto é, a palavra de Deus é aplicável, obrigatória e eficaz - tanto hoje sob e por meio de Cristo quanto no passado - e em alguns aspectos ainda mais (ver 2:1-4; 10:26-31).

Cristo é o mediador de uma aliança melhor, com melhores promessas, do que a antiga aliança com o Israel carnal, da qual Moisés era o mediador (8:6). Enquanto Deus deu a Israel carnal o sétimo dia, seu dia de descanso desde a criação, como um sábado semanal, era uma "sombra" de algo melhor ainda por vir por meio de Cristo (Colossenses 2:16; cf. Hebreus 8:4-5). ; 9:11; 10:1).

O sábado semanal não é obrigatório para os cristãos - porque a aliança que exigia sua observância foi revogada com a morte de Cristo ("Ele tira o primeiro para estabelecer o segundo", 10:9), e a observância do sábado semanal não foi ordenada sob a nova aliança mediada por Cristo.

Como já foi dito, era uma "sombra" de algo melhor que viria por meio de Cristo – uma sombra do descanso sabático que resta para o povo de Deus (4:6) – um descanso melhor para os fiéis do Israel carnal dos tempos passado, bem como do Israel espiritual destes últimos dias. Será inserido quando descansarmos de nossas obras na terra como Deus descansou de sua obra de criar os céus e a terra e seus habitantes (Heb. 4:9-11; cf. Apoc.14:13).

E é para os "obedientes" à palavra "viva e ativa" de Deus de todas as dispensações terrenas, mas não para os "desobedientes de qualquer dispensação".

3. "Mais afiada do que qualquer espada de dois gumes" - o tipo mais penetrante. Em Ef. 6:17, a palavra de Deus é chamada de "a espada do Espírito", usada no combate espiritual. A palavra de Deus é contemplada aqui, porém, em relação à sua capacidade de penetrar e expor à introspecção o ser interior de cada indivíduo.

4. "Penetrando até a divisão da alma e do espírito, das juntas e medulas."

"Alma" e "espírito" são muitas vezes usados de forma intercambiável para o "homem interior" versus o "homem exterior" (2 Coríntios 4:16). Mas quando são distinguidos um do outro, "alma" (psuche) refere-se à animação física que o homem tem em comum com a criação animal, e "espírito" (pneuma) refere-se àquela parte do homem criada à imagem de Deus, o que torna o homem semelhante a Deus de uma forma que os animais não são.

As "articulações" são principalmente onde os ossos são encaixados e unidos de modo a facilitar o movimento um em relação ao outro. E "medula" foi usada figurativamente para a profundidade da alma, como por Eurípidés no século 5 aC, em Hipólito 225, "para formar amizades moderadas, e não para a medula profunda da alma" (Vincent, Word Studies in the Novo Testamento).

Assim, a frase acima é uma expressão figurativa para as profundezas do homem interior, penetrado pela palavra de Deus e suas partes abertas como se fossem, para introspecção - não que ela separe a "alma" do "espírito" ou as "juntas" da "medula" - mas que penetra na "divisão" de todas essas partes, falando figurativamente.

5. "Rápido para discernir os pensamentos e intenções do coração." Isso expressa e define mais literalmente o precedente, exceto que "rápido para discernir" não parece fazer justiça ao adjetivo verbal, kritikos, no texto grego, que significa habilidoso ou capaz de discernir ou julgar. (Nossa palavra inglesa "critic" vem dela.)

"A palavra carrega o pensamento de dividir. De krinein para dividir ou separar, que corre para o sentido de juiz, o significado usual no NT, julgamento envolvendo a peneiração e análise de evidências. Em kritikos as idéias de discriminação e julgamento estão misturados". (Vincent, Word Studies.) Com o acesso adequado a uma operação dentro do coração humano, a palavra de Deus revela ao próprio indivíduo o caráter não apenas de sua conduta, mas também dos "pensamentos e intenções do coração" - seu próprio coração.

"Além disso, esta (kai), a operação interior da palavra encontra sua contrapartida na busca, inquirição inevitável do próprio Deus com quem temos que lidar" (Marcus Dodds, em seu comentário sobre "Hebreus" em The Expositor's Greek Testament ). Esse fato adicional é declarado no próximo versículo, como segue:

6. "13. E não há criatura que não seja manifesta à sua vista: MAS TODAS AS COISAS ESTÃO NÚBIDAS E ABERTAS AOS OLHOS DAQUELE COM QUEM TEMOS QUE VER" - ou a quem temos de prestar contas.

Portanto, entre todas as coisas, Deus conhece até nossas reações e atitudes mais íntimas em relação à sua PALAVRA, mesmo que consigamos mantê-las em segredo de muitos ou de todos os nossos semelhantes. E esta deve ser a motivação mais PODEROSA para permitirmos com ALEGRIA que ele ocupe TODO O MOVIMENTO em nossas vidas, de modo a não perder a perspectiva do descanso sabático prometido a todos os OBEDIENTES filhos de Deus depois que nossos trabalhos e vidas na terra terminarem.

### **Doutrina dos Batismos**

#### "Batizados pelos Mortos" Capítulo 6:2

Isso é para discutir uma pergunta feita sobre se o capítulo 6:2 pretendia incluir "batizados pelos mortos" (1 Coríntios 15:29). Embora possa não ter sido destinado a esse propósito, não é inapropriado para nós discutir isso em conexão com ele.

Como o v.30 introduz outro argumento do mesmo tipo (que continua até o v.32), ou então, como alguns pensam, pode até ser parte do mesmo argumento, daremos os dois juntos, embora dirigindo a maior parte de nossa atenção ao v.29.

Texto Bíblico (ASV)

29 Do contrário, que farão os que se batizam pelos mortos? Se os mortos não são ressuscitados, por que então eles são batizados por eles? 30 por que também corremos perigo a cada hora?

É o que se chama de argumento ad hominem -- isto é, ao homem -- expondo, neste caso, uma incoerência entre a prática e o fato se não houver ressurreição dos mortos.

Torna óbvio (1) que algumas pessoas em algum lugar, se não em Corinto (onde quase teria que ser para um argumento ad hominem ser eficaz contra o erro ali), estavam sendo "batizadas pelos mortos", seja lá o que isso signifique; (2) que o escritor tinha como certo que seus leitores estavam familiarizados com esse fato; também (3) que não era uma prática geral, pois os envolvidos nela eram designados como "eles", o que também parece excluir o escritor. No entanto (4) nenhuma condenação é expressa, o que parece um pouco estranho se estiver errado, e especialmente se houver casos disso em Corinto, uma vez que o propósito geral da Epístola era corrigir aberrações morais, espirituais e doutrinárias na igreja lá.

Enquanto os leitores originais de Paulo teriam entendido o cenário histórico de seu argumento sem qualquer elaboração adicional de sua parte, hoje não temos essa vantagem. E a falta dela, mais a flexibilidade da palavra traduzida como "para" na expressão "para os mortos", gerou teorias quase infinitas (entre 30 e 40), algumas obviamente falsas, outras quase defensáveis, mas nenhuma conclusiva ou completamente decisiva.

Portanto, o melhor que podemos fazer parece ser (1) observar os mais práticos para nossa consideração, com quaisquer comentários que pareçam apropriados, e também (2) chamar a atenção para os usos da palavra grega *huper*, também transliterada *hyper*, e traduzido "para" na expressão "batizado pelos mortos" - o que faremos na ordem inversa.

Em seu sentido literal, *huper* significa acima, acima ou além. Mas no Novo Testamento, e também na LXX, ocorre apenas em sentidos não literais.

### *Huper*no Novo Testamento

*Huper* tem 160 ocorrências no Novo Testamento. Em 134 delas ocorre com palavras no caso genitivo, incluindo nosso texto; e em 104 é traduzido "para" na KJV; em 12, "de"; em 8, 'por causa de' (de alguém); em 3, "em nome de (alguém); em 2, "em lugar de (alguém);" em 5, diversos -- um de cada um dos seguintes: "em parte (de alguém) (Marcos 9:40); "a respeito" (Romanos 9:27); "para" (2 Coríntios 7:7); "em nome de" (Filipenses 1:29a); "por" (2 Tessalonicenses 2:1).

*Huper* com o caso acusativo ocorre 20 vezes, traduzido "acima" 12 vezes; "mais do que", 3 vezes; "do que", 2 vezes; "além", uma vez (2 Coríntios 8:3); "para" uma vez (2 Coríntios 12:13); "sobre", uma vez (Efésios 1:22).

*Huper* como um advérbio ocorre 6 vezes, traduzido "muito principal" 2 vezes; "mais", uma vez (2 Coríntios 11:23); "excessivamente abundante", uma vez (Efésios 3:20b); "excessivamente", uma vez (1 Tessalonicenses 3:10); "muito altamente", uma vez (1 Tessalonicenses 5:13).

*Huper* com o genitivo, conforme definido por Arndt & Gingrich, Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature: (a). para, em nome de, por causa de alguém ou algo; (b). Com genitivo da coisa, a fim de fazer o que for considerado para ela; (c). No lugar de, em vez de, em nome de. (Às vezes isso se funde com em nome de, por causa de.); (d). Para denotar a CAUSA MOTORA ou a RAZÃO,\* por causa de, por causa de; (e). acima e além é



possível em *huper tes eudokias* (Fp 2:13); (f). Sobre, relativo (cerca de equivalente a *peri*, e freqüentemente troca em *MSS*).

Hupercom o acusativo: no sentido de sobressair, superar, sobre e acima, além, mais do que.

Hupercomo advérbio: mais (2 Cor.11:23). (Veja as traduções acima.)

\* Thayer também: "4. Da CAUSA IMPULSIONANTE ou MOTORA; por causa de, por causa de, qualquer pessoa ou coisa."

### **Interpretações selecionadas**

1. Batismo de procuradores em nome de pessoas falecidas. "A única explicação defensável é que existia entre alguns dos cristãos em Corinto a prática de batizar um cristão vivo no lugar de algum convertido que havia morrido antes que o sacramento fosse administrado a ele. Tal prática existia entre os marcionitas no século II [Marcion floresceu por volta de 144 DC], e ainda mais cedo entre uma seita chamada Cerinthians [Cerinthus floresceu por volta de 100 DC]. morreu em 407 DC] dá a seguinte descrição dele: -- 'Depois que um catecúmeno (ou seja, alguém preparado para o batismo, mas não realmente batizado) estava morto, eles esconderam um homem vivo debaixo da cama do falecido; então, chegando à cama do homem morto, eles falaram com ele, e ele não respondeu, o outro respondeu em seu lugar, e então eles batizaram os "vivos pelos mortos". diz, sancionar a prática supersticiosa? Certamente não. Ele se separa cuidadosamente dos coríntios, a quem se dirige imediatamente, daqueles que adotaram o costume. Ele não usa mais a primeira ou a segunda pessoa; são 'eles' ao longo desta passagem. Não é prova para os outros; é simplesmente o *argumentum ad hominem*. Aqueles que fazem isso e não acreditam na ressurreição, refutam a si mesmos. Esse costume possivelmente surgiu entre os judeus convertidos, que estavam acostumados a algo semelhante em sua própria fé.

"Se absolutamente os mortos não ressuscitam, que farão os que se batizam pelos mortos?' (ver.29) -- uma indagação da qual os coríntios sem dúvida sentiram toda a força, mas que está um tanto perdida para nós porque não sabemos o que significa. . . .

"O significado claro das palavras, no entanto, parece apontar para um batismo vicário, no qual um amigo vivo recebia o batismo como procurador de uma pessoa que havia morrido sem batismo. Com a aproximação da morte, os pensamentos das pessoas incrédulas foram fortemente voltados para a fé cristã, mas antes que o batismo pudesse ser administrado, a morte cortou o cristão pretendido. número de pecados pode ser lavado no batismo, ou que menos possam manchar a alma depois dele. Mas naturalmente, erros de cálculo às vezes ocorreram, e a morte súbita antecipou um batismo muito adiado. Em tais casos, amigos do falecido obtiveram consolo do batismo vicário. Alguém que foi persuadido da fé do falecido respondeu por ele e foi batizado em seu lugar." (W. Robertson Nicoll, ed., *The Expositor's Bible*, início do século XX dC)

NOTA: Por mais plausível que seja, muitas suposições estão envolvidas nas citações acima. Particularmente, não se sabe se mais tarde surgiu de sua escrita, como muitos acreditam. A flexibilidade da palavra "para" (*huper*) de forma alguma limita as possibilidades ou probabilidades lingüísticas para o batismo por procuração.

2. Batismo de Convertidos Vivos para serem Unidos a Cristo. "Alguns entendem o próprio Salvador. Por que as pessoas são batizadas em nome do Salvador morto, um Salvador que permanece entre os mortos, se os mortos não ressuscitam? Mas é, creio eu, um exemplo perfeitamente singular para hoi nekron significar mais de uma pessoa morta; é uma significação que as palavras não têm em nenhum outro lugar". (Comentário de Matthew Henry, primeira metade do século XVIII dC)

NOTA: A frase anterior, referida por Matthew Henry e traduzida como "os mortos", é plural, não singular, no texto grego, o que ele está dizendo torna muito improvável que se refira a Cristo - e certamente corretamente.

3. Batismo de Convertidos Vivos para serem Unidos a Cristo e aos Cristãos Mortos. "Se os mortos não são ressuscitados, por que então esses convertidos são sepultados no batismo por causa deles, ou em vista deles? Romanos 6:3-11 torna o significado de Paulo nesta passagem muito claro. Os mortos são uma classe de quem Cristo é a cabeça e as primícias para a ressurreição. Pelo batismo nos unimos simbolicamente a essa classe e, portanto, a Cristo, e fazemos isso por causa da esperança de que seremos ressuscitados com essa classe pelo poder de Cristo (Rm.6: 5). Mas se os mortos não são ressuscitados, então por que os convertidos devem ser unidos a eles por um sepultamento simbólico? Por que eles devem ser batizados por sua causa, ou com referência a eles? Se não há ressurreição, o batismo, que simboliza, não tem sentido. Comentaristas pertencentes a igrejas que substituíram o batismo por aspersão fazem uma triste destruição nesta passagem. Tendo perdido de vista o significado simbólico do batismo - a união de um convertido com o morto e sepultado a Cristo como sua cabeça e primícias para a vida - eles estão perdidos para saber como interpretar as palavras do apóstolo, e em desespero afirmam que os cristãos tinham o hábito de serem batizados vicariamente por seus amigos que morreram sem batismo. Muito depois de Paulo ter escrito, um mal-entendido semelhante dessa passagem levou os seguidores de Marcion e Cerinthus a praticar tais batismos vicários; mas a prática surgiu das palavras de Paulo, em vez de suas palavras serem invocadas pela prática." (McGarvey e Pendleton, Tessalonicenses, Coríntios, Gálatas e Romanos,

NOTA: Romanos 6:3-11 fala de estarmos no batismo "unidos com (Cristo) na semelhança da sua morte" e "seremos na semelhança da sua ressurreição". Mas não menciona os mortos cristãos, que seriam "eles" ou "eles" (terceira pessoa) - apenas "nós" ou "nosso" (primeira pessoa, abrangendo todos os que são "batizados em Cristo") e "ele", "dele" ou "Cristo" (terceira pessoa, não os mortos também que estão em Cristo – com quem não sustentamos exatamente o mesmo relacionamento com Cristo sendo discutido em Romanos). Sendo este o caso, é difícil ver como a passagem romana torna "muito claro" o significado de "batizado pelos mortos" em 1 Coríntios 15:29-30, onde Paulo fala de "nós" (ele mesmo e outros em sua categoria) como distintos de "eles" de outra categoria (que são "batizados pelos mortos"). Assim, ele parece não ter sido "batizado pelos mortos" no sentido da última passagem, enquanto, de acordo com McGarvey e Pendleton, ele foi assim batizado - uma contradição flagrante.

4. Batismo de convertidos com vistas à ressurreição dos mortos. "Os expositores gregos consideraram que se tratava dos mortos (huper no sentido de peri tão freqüentemente quanto em 2 Coríntios 1:6), visto que o batismo é um sepultamento e uma ressurreição (Romanos 6:2-6)." (Robertson, Word Pictures in the New Testament, 1931.)

"Os expositores gregos consideravam as palavras os mortos como equivalentes à ressurreição dos mortos, e o batismo como uma manifestação de crença na doutrina da ressurreição." (Vincent, Word Studies in the New Testament, 1890.)

NOTA: Se por "os mortos" Paulo quis dizer "a ressurreição dos mortos", por que ele parece se excluir daqueles que crêem – dizendo "o que farão" os que são batizados pelos mortos?" em vez de "o que devemos fazer?"

5. Batismo de convertidos na esperança da ressurreição dos mortos. "O propósito, escopo e conexão admitirão apenas um significado – Se os mortos não ressuscitarem, o que farão os que forem batizados na esperança da ressurreição? . . . .

"Em vista de sua morte, eles são batizados para seu bem-estar após a morte. Se eles não são ressuscitados dentre os mortos, por que são batizados para prepará-los para a ressurreição?"

"[Não há dúvida de que a alusão é a algum ato realizado na expectativa de benefício futuro para si mesmos (ênfase adicionada), que seria perdido se os mortos não ressuscitassem. E a visão dada aqui se adapta ao argumento e concorda com o contexto (...) Prevendo que a fé lhes custaria a perda de todas as coisas, talvez da própria vida, não poucas pessoas, ao serem batizadas, o fizeram, virtualmente dizendo com o apóstolo: 'Nós, os que vivemos, somos sempre entregues à morte por amor de Jesus.' (2 Coríntios 4:11.) O significado então é: O que acontecerá com aqueles que, ao serem batizados, o fazem sabendo que isso pode provar sua sentença de morte, se os mortos não ressuscitarem?]" (Lipscomb and Shepherd, 1 Corinthians , 1935.)

NOTA: Isso é semelhante ao No.4 acima, mas exegetas mais recentes. Os dois primeiros parágrafos são de David Lipscomb, e o parágrafo entre colchetes é de JW Shepherd. Enquanto o que Lipscomb diz é apropriadamente descritivo de todos os convertidos pensativos, e o que Shepherd diz é mais descritivo, e sem dúvida apropriado, da maioria, se não de todos os convertidos conscientes de arriscar suas vidas ao serem batizados em Cristo, isso em si não é prova de sendo o significado de Paulo. E não parece, pois ele parece se excluir daqueles que tinha em mente e descrevia.

6. Batismo de Novos Cobertos para Substituir os Cristãos Recentemente Martirizados. "Doutro modo, se [a ressurreição dos mortos] não fosse assim, o que deveriam fazer aqueles que são batizados em sinal de abraçar a fé cristã na sala dos mortos, que acabaram de cair na causa de Cristo, mas ainda são apoiados por uma sucessão de novos convertidos, que imediatamente se oferecem para preencher seu lugar, como fileiras de soldados que avançam para o combate no quarto de seus companheiros, que acabam de ser mortos à vista deles? Se a doutrina a que me oponho for verdadeira e os mortos não são ressuscitados, por que eles são, no entanto, assim batizados no quarto dos mortos, tão alegremente prontos, com perigo de suas vidas, para manter a causa de Jesus no mundo? E, de fato, como minha conduta poderia ser contabilizado sob qualquer outra luz, mas supondo que agimos com uma visão firme e governante desse grande princípio e dessa gloriosa esperança? Por que, de outra forma, estamos expostos a cada hora a tanto perigo a serviço de um Mestre de quem é evidente que não temos recompensas seculares a esperar?" (Philip Doddridge, The Family Expositor, 15ª edição, 1845.)

NOTA: A palavra *huper* se prestaria a esta interpretação, linguisticamente. Mas não temos evidência de um contexto histórico para apoiar tal como um argumento *ad hominem* em Corinto na época de 1 Coríntios ou antes dela, ou em qualquer outro lugar em escala tão grande até mais tarde, quando se disse que o sangue dos mártires era a "semente do reino".

Paulo, no entanto, faz o argumento *ad hominem* com referência a si mesmo como mencionado acima - mas aparentemente não com o propósito de incluir a si mesmo entre aqueles de quem ele falou como sendo "batizado pelos mortos", como parece implícito acima - pois ele falou deles como "eles" em vez de "nós".

No entanto, devido à natureza de sua missão, ele corria perigo de morte todos os dias. Mais tarde, em 2 Coríntios 1:8-11, e novamente em 11:23-33, ele descreve seus perigos e sofrimentos. O Livro de Atos também detalha muito disso (9:22-25, 28-30); 14:19-20; 19:23-41; 21:27-36) -- e o martírio real de Estêvão (7:54-60) e do apóstolo Tiago (12:1-2) -- mas nenhum martírio generalizado ainda, e nenhum documentado para Corinto.

7. Batismo por causa de pessoas que já não vivem. "Paulo está se referindo a uma experiência muito mais comum, de fato normal, de que a morte dos cristãos leva à conversão dos sobreviventes, que em primeira instância 'por causa dos mortos' (os amados mortos), e na esperança de reencontro, volte-se para Cristo -- por exemplo, quando uma mãe moribunda ganha seu filho pelo apelo, 'Me encontre no céu!' Tais apelos, e seu frequente efeito salutar, dão forte e comovente evidência de fé na ressurreição; alguns exemplos recentes do tipo podem ter sugerido esta referência. compromete-o na vida cristã, com todas as suas perdas e perigos. A esperança da bem-aventurança futura, aliando-se aos afetos familiares e à amizade, foi um dos fatores mais poderosos na propagação do cristianismo. ... A esperança sobre a qual repousam esses batismos será embrutecida, sem ressurreição; ela os trairá (Rom.5:5)." (GG Findlay, *The Expositor's Greek Testament*, ed., W. Robertson Nicoll, início do século XX dC)

NOTA: Isso se encaixa precisamente em uma das definições de *huper* com o genitivo -- ou seja, "para denotar a causa motriz ou a razão por causa de, por causa de, para" (Arndt & Gingrich); "da causa motriz ou motriz; por causa de, por causa de, qualquer pessoa ou coisa" (Thayer).

Na maioria dos casos de conversão e batismo em Cristo, alguma outra pessoa ou pessoas têm sido a principal causa intermediária e motivadora. E, em alguns casos, a referida pessoa ou pessoas morreram antes da ocorrência do próprio batismo. Em tal caso, quaisquer que sejam os detalhes, o convertido foi, em um sentido muito real, batizado por causa de, ou por causa da referida pessoa ou pessoas. Se esse era ou não o significado de Paulo, não podemos saber com certeza. Mas poderia muito bem ter sido - o que este escritor não pode dizer com igual confiança de qualquer outra interpretação conhecida por ele.

### **Conclusão**

Se ser "batizado pelos mortos" estava dentro do escopo pretendido do "ensino dos batismos" mencionado em Hebreus 6:2, certamente não incluía uma tolerância de procuração ou batismo vicário pelos mortos, como praticado por algumas seitas heréticas. nos primeiros séculos cristãos e pelos mórmons em nossos dias. Pois as escrituras deixam claro que cada um será julgado e recompensado de acordo com suas obras (Mateus 16:27; Apoc.2:23; 20:12, 13; 22:12) - e pelas

obras feitas por cada um em o corpo (2 Coríntios 5:10) -- não após a morte, nem no corpo de outro.

## **Altar ou Censura?**

### Capítulo 9:4

A American Standard Version de Hebreus 9:4 fala do Santo dos Santos como "tendo um altar de incenso de ouro" junto com a arca da aliança" e outros objetos, mas na margem, lê-se: "Ou, incensário". E a versão King James e algumas outras leem "o incensário de ouro". problema que é bom que reconheçamos, quer pensemos que nós ou outros temos a solução para ele ou não.

### **O problema declarado**

(1) Não há menção do "altar de incenso" no Lugar Santo, distinto do Santo dos Santos, no texto grego aceito de Hebreus nas escrituras do Novo Testamento, enquanto é uma característica proeminente no Antigo Testamento. texto. (2) Da mesma forma, não há menção no texto do Antigo Testamento de um "incensário de ouro" no Lugar Santo ou no Santo dos Santos do Tabernáculo, como no texto hebraico da versão King James - embora um incensário tenha sido usado para a queima de incenso pelo sumo sacerdote "dentro do véu" (Levítico 16:12-13) - isto é, dentro do lugar santíssimo, onde ele entrava uma vez por ano.

Como Macknight, em suas Epístolas Apostólicas, comenta: "O apóstolo pode [ênfase adicionada, porque da mesma forma ele pode não] ter aprendido dos sacerdotes que o incensário usado pelo sumo sacerdote no dia da expiação era de ouro e que foi deixado por ele no tabernáculo interno, tão perto do véu, que, quando ele estava prestes a officiar no próximo ano, colocando a mão sob o véu, ele poderia retirá-lo para enchê-lo com brasas, antes de entrar no mais lugar santo para queimar incenso, de acordo com a direção, Levit.16:12,13."

Mas, se assim for (mesmo que não haja prova disso nas escrituras), ainda há o fato flagrante de que nenhum "altar de incenso" é mencionado em Hebreus como estando no Lugar Santo, como no texto do Antigo Testamento, e nenhuma menção no texto do Antigo Testamento de tal altar estar dentro do Lugar Santíssimo. E ainda nos resta buscar a explicação mais simples que explique mais da maneira mais satisfatória. Então, começamos com os textos relevantes do Antigo Testamento e, em seguida, avançamos a partir daí.

### **Textos relevantes do Antigo Testamento**

1. Êxodo 25-27; 30:1-21 (suplementar), Instruções para Fazer e Usar o Tabernáculo e Sua Mobília e Pátio: (a) Santuário ou Tabernáculo (25:1-9); (b) Arca, com o testemunho colocado nela (25:10-16); (c) propiciatório com querubins acima dele, colocado sobre a arca (25:17-22); (d) Mesa de pães da proposição (25:23-30); (e) Castiçal, com suas lâmpadas (25:31-40); (f) Cortinas, para cobrir o tabernáculo (26:1-14); (g) Tábuas revestidas de ouro para as paredes (26:15-30); (h) Véu, para separar o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo, com a arca e seu propiciatório no Lugar Santíssimo, e com mesa e candelabro "sem o véu" nos lados sul e norte, respectivamente, do Lugar Santíssimo (26 :31-35); TELA para a porta da Tenda (26:36-37) -- pela qual se entrava na Tenda; Altar de holocaustos, revestido de bronze (27:1-8), ser colocado no Pátio do Tabernáculo diante da porta da Tenda; Pátio do Tabernáculo (27:9-19).

COMPLEMENTAR: (a) Altar de incenso, coberto de ouro, e colocado "diante do véu [NIV, "na frente da cortina"] isto é, perto [NIV, "diante"] da arca do testemunho, diante da misericórdia-assento que está sobre o testemunho" (30:1-10), o que pode significar que estava centrado no Lugar Santo como a arca e o propiciatório provavelmente estavam centrados no Lugar Santíssimo - portanto, na parte dianteira do tabernáculo, que era análogo à parte do "templo do Senhor" onde Zacarias, sacerdote (mas não sumo sacerdote) e pai de João Batista, queimava incenso e onde ficava o "altar do incenso" (Lucas 1 :8-11) -- isto é, no SANTO LUGAR, não no Santíssimo Lugar, onde somente o sumo sacerdote podia entrar; (b) Pia, feita de latão,

2. Êxodo 40:1-8, Instruções para a Criação do Tabernáculo e Colocação da Mobília: (a) Trás do TABERNÁCULO da Tenda do Encontro (vs.1-2); (b) Colocar a arca do testemunho no Tabernáculo, e cobri-la com o VÉU (v.3) -- que a colocaria dentro do véu e assim no Lugar Santíssimo; (c) Tragam a mesa e o castiçal (vs.4); (d) Coloque o altar de ouro para incenso diante da arca do testemunho (que estaria próximo ao véu e provavelmente centrado em vez de estar em qualquer um dos lados do Lugar Santo, assim como a arca provavelmente estava centrada no Lugar Santíssimo), e colocava a cortina da PORTA do Tabernáculo da Tenda do Encontro (vs.5) -- que colocaria a mesa, castiçal e altar de incenso entre as duas cortinas, ou dentro do Santo Lugar; (e) Colocar o altar do holocausto diante da porta do Tabernáculo (vs. 6) -- que estaria fora do Tabernáculo; (f) Coloque a pia entre a Tenda do Encontro e o altar, e coloque água nela (vs.7); (g) Arrume o TRIBUNAL ao redor, e pendure a TELA do portão (isto é, a porta de entrada) do pátio (vs.8).

3. Êxodo 40:17-33, Relato da Criação do Tabernáculo e Colocação de Seus Móveis: (a) O próprio TABERNÁCULO foi erguido (vs.17-19); (b) "Testemunho" colocado na arca, o propiciatório colocado acima dela, e eles foram colocados no Tabernáculo e protegidos com o VÉU (vs.20-21) - separando-os assim do que é mencionado a seguir; (c) Mesa (para os pães da proposição) colocada no Tabernáculo no lado norte "sem o véu" (vs.22-23) -- isto é, no Lugar Santo, separado do Lugar Santíssimo pelo véu; (d) Castiçal colocado no lado sul do Tabernáculo oposto à mesa dos pães da proposição no lado norte (vs.24-25); (e) Altar de ouro para incenso colocado na tenda de reunião "diante do véu" (vs.26-27) -- isto é, "na frente da cortina" (NIV) que separava o Lugar Santo do Lugar Santíssimo; (f) A tela da porta (portal) para o Tabernáculo foi colocada (vs.28) - - separando o Santo Lugar e seus móveis do pátio externo; (g) Altar de holocausto colocado na porta do Tabernáculo (vs.29) - mas fora dele; (h) Pia colocada entre a Tenda do Encontro e o altar, onde Aarão e seus filhos (sumo sacerdote e sacerdotes) lavavam as mãos e os pés quando entravam na Tenda do Encontro e quando se aproximavam do altar (do holocausto) (h) vs.30-31); (i) PÁTIO ao redor do Tabernáculo e altar erguido, e BATERIA da porta do pátio montada (vs.33). 29) -- mas fora dele; (h) Pia colocada entre a Tenda do Encontro e o altar, onde Aarão e seus filhos (sumo sacerdote e sacerdotes) lavavam as mãos e os pés quando entravam na Tenda do Encontro e quando se aproximavam do altar (do holocausto) (h) vs.30-31); (i) PÁTIO ao redor do Tabernáculo e altar erguido, e BATERIA da porta do pátio montada (vs.33). 29) -- mas fora dele; (h) Pia colocada entre a Tenda do Encontro e o altar, onde Aarão e seus filhos (sumo sacerdote e sacerdotes) lavavam as mãos e os pés quando entravam na Tenda do Encontro e quando se aproximavam do altar (do holocausto) (h) vs.30-31); (i) PÁTIO ao redor do Tabernáculo e altar erguido, e BATERIA da porta do pátio montada (vs.33).

#### **O Texto Grego de Hebreus 9:4**

A palavra grega traduzida nas versões mais antigas como "incensário" e na maioria das versões mais recentes como "altar" é thumiaterion, de thumiao, queimar incenso. Ocorre no Novo Testamento apenas nesta passagem, e na LXX (tradução grega do Antigo Testamento) apenas duas vezes, em 2 Crônicas 26:19 e Ezequiel 8:1, e em ambos os lugares é mencionado como sendo mantido em a mão, e em todas as versões do Antigo Testamento das quais estou ciente, a tradução nessas passagens é "incensário". Além disso, "nas inscrições, papiros e grego clássico, o significado de thumiaterion parece ser incensário" (Tyndale New Testament Commentaries [1960] sobre Hebreus 9:4).

A palavra usual na LXX para "altar", e também no Novo Testamento, é Thusiasterion, o que constitui um forte argumento para traduzir a outra palavra como "incensário" em Hebreus, bem como em 2 Crônicas e Ezequiel, como as versões mais antigas. fazer. E, uma vez que o escritor de Hebreus faz uso principalmente da LXX em suas referências e citações do Antigo Testamento, o caso para traduzir thumiaterion como "incensário" torna-se ainda mais forte. De fato, o Vine's Expository Dictionary of New Testament Words (New One-Volume Edition, 1952), um trabalho respeitável e amplamente usado, sob "CENSER" não faz menção de qualquer outro significado para a última palavra grega.

No entanto, contra tais considerações, está o fato de que Filo (morrendo por volta de 50 dC) e Josefo (morrendo por volta de 95 dC), ambos parcialmente contemporâneos do escritor de Hebreus e ambos notáveis escritores judeus usando grego, empregaram thumiaterion ao falar do altar de ouro junto com o castiçal e a mesa no Santo Lugar. E mais tarde, dois outros escritores, Clemente de Alexandria (morrendo em 215 dC) e Orígenes (185?-245 dC?), fizeram o mesmo. Isso indicaria a possibilidade de que a palavra simplesmente significava, ou pelo menos passou a significar, um instrumento ou um lugar relacionado com a oferta de incenso e, portanto, poderia significar um "incensário" ou um "altar" usado para queimar incenso, e que o escritor de Hebreus o usa no último sentido – um ponto de vista refletido na maioria das traduções modernas.

Além disso, de acordo com o Lexicon Grego-Inglês do Novo Testamento de Thayer, tanto Philo quanto Josefo, mencionados acima, usaram thumiaterion e thousiasterion de forma intercambiável para o altar de ouro do incenso - às vezes um, e outras vezes o outro. Além disso, de acordo com o Testamento Grego do Expositor, duas traduções gregas do Antigo Testamento hebraico - por Theodotion, por volta da metade do século II dC (antes de 160), e por Symmachus, por volta do início do século III (anos 200 dC) --- ambos empregam thumiaterion para "altar de incenso" em Êxodo 31. (A citação do capítulo, no entanto, é obviamente um erro tipográfico e deve ser corrigida para ler Êxodo 30 - os versículos 1-10 são a parte aplicável) .

De acordo com o que admitimos acima como uma possibilidade, agora precisa ser notado que Thayer diz que thumiaterion se refere apropriadamente a "um utensílio para fumigar ou queimar incenso". A literatura, da mesma forma, diz que a palavra significa "apropriadamente um lugar ou vaso para a queima de incenso" e "geralmente um incensário". VH12,51; esp. Do altar de incenso no templo judaico: Philo, *Rer. Div. Her.*220, *Mos.*2,94; *Jos.*, *Bell.*5,218, *Ant* 3,147; 198." Também, Moulton e Milligan, em seu *Vocabulário do Testamento Grego Ilustrado a partir dos Papiros e Outras Fontes Não Literárias*, cita várias fontes do século II de seu uso, em alguns dos quais se refere a um incensário "obviamente" e "em muitos contextos, não podemos dizer se o

incensário era fixo ou móvel" - isto é, se seria pensado como um altar ou como um incensário em termos das definições anteriores.

A soma e a substância, então, do que precede é que o escritor de Hebreus com toda a certeza poderia ter usado a palavra grega que ele usou no sentido de "altar de incenso", mas não conseguiu provar que o fez. Se ele o fez, no entanto, isso apenas resolve um problema ao criar outro: (1) Isso nos livra de ter que nos perguntar por que ele omitiria a menção de uma peça da mobília do tabernáculo mencionada tão proeminentemente quanto no Antigo Testamento, e substitua o "incensário de ouro" não mencionado nas escrituras do Antigo Testamento como uma mobília do tabernáculo; mas (2) associa o "altar de ouro do incenso" com o Lugar Santíssimo, ao passo que as escrituras do Antigo Testamento indicam sua localização como o Lugar Santo.

Então, a menos que possa haver tal associação em algum sentido sem estar fisicamente "no" Lugar Santíssimo, ainda temos uma contradição entre o texto de Hebreus e os textos do Antigo Testamento. O texto de Hebreus 9:4 fala do Santo dos Santos como "tendo" um "altar de incenso de ouro" (se essa tradução estiver correta), enquanto a evidência do Antigo Testamento é esmagadora de que o altar de incenso estava localizado no Lugar Santo, próximo ao véu separando-o do Lugar Santíssimo, mas não "dentro" do próprio Lugar Santíssimo.

Portanto, nos deparamos com a questão de saber se a expressão "ter (echousa) um altar de incenso de ouro" é suficientemente abrangente ou flexível para admitir o significado de pertencer em algum sentido sem necessariamente tê-lo dentro. Ou exige que entendamos o escritor como significando, sem sombra de dúvida, que o "altar do incenso" estava de fato dentro do Lugar Santíssimo? A resposta a essa pergunta é crucial para qualquer solução satisfatória para o problema colocado no início desta revisão.

Após um pouco de reflexão, parece necessário admitir a possibilidade independentemente de a probabilidade ser concedida ou não. Cada um de nós tem coração, fígado e pulmões dentro da cavidade do corpo, e também braços e pernas como apêndices fora do corpo. E, no mesmo sentido, o "altar de ouro do incenso" certamente poderia ser considerado um apêndice do Santo dos Santos, embora não espacialmente dentro dele. E vamos perceber isso mais tarde.

Mas, a partir de agora, ainda temos a pergunta: qual é a explicação mais simples que explica mais da maneira mais satisfatória? E a resposta, no que diz respeito a cada um, dependerá um pouco da atitude de cada um em relação às escrituras e seus autores humanos. Existem dois tipos principais de abordagem que desejamos considerar por parte daqueles que acreditam que "altar de incenso" em vez de "incensário" seja a tradução correta na passagem em consideração, além de duas outras que nunca ganharam muito valor. Começaremos com o último.

Esforços para explicar a aparente contradição

1. Possível referência ao Templo de Salomão em vez de Tabernáculo (1 Reis 7:48-50; 2 Crônicas 4:19-22): É verdade que "incensários" ("incensários", American Standard Version) são mencionados como sendo de Salomão Templo, mas como parte dos luxuosos móveis do Lugar Santo (a menos que fossem guardados em outro lugar na "casa de Deus", mas usados no Lugar Santo e possivelmente em outros lugares também) – não como estando no Lugar Santíssimo, chamado "o Oráculo." Este último não é descrito até o capítulo 8 de 1 Reis e o capítulo 5 de 2



Crônicas, respectivamente, e não é mencionado como tendo qualquer mobília, exceto a arca da aliança e os querubins que a cobrem. (Ver vs. 6-8 e vs. 7-8, respectivamente, nos capítulos acima.)

Os itens da mobília estacionária para o Lugar Santo são declarados como (1) o altar de ouro, (2) a mesa dos pães da proposição e (3) castiçais (dez deles em vez de um como no Tabernáculo, e situados "diante do oráculo" em vez de localizado no lado sul como no Tabernáculo). E os acessórios são listados como flores e lâmpadas (partes ou peças sobressalentes dos candelabros ou "castiçais"), e pinças, xícaras, espátulas, bacias, colheres e braseiros ("incensários", versão King James, "cinzas" em margem) -- tudo de ouro. Acredita-se que a maioria dos acessórios era para uso relacionado com a manutenção das lâmpadas e do altar de incenso, e possivelmente da mesa dos pães da proposição.

A propósito, a palavra hebraica (*machtah*) usada nas passagens anteriores e traduzida como "incensário"/"cinzeiro" (KJV ou "panela de fogo" (ASV), não é aquela que ocorre em 2 Crônicas 26:19 e Ezequiel 8: 11, a saber, *miqtereth*, traduzido *thumiaterion* na LXX e "incensário" nas versões em inglês. E nas passagens anteriores mencionadas, não há um *miqtereth* dourado nem uma *machtah* dourada referido como estando no "oráculo" ou Santíssimo Lugar do Templo de Salomão Então essas passagens não oferecem nenhuma ajuda para lidar com o problema de Hebreus 9:2-4.

2. Wilson's Emphatic Diaglott (1864): Este é um trabalho baseado na recensão de Griesbach do texto grego e várias leituras do Manuscrito do Vaticano, assim chamado por estar na Biblioteca do Vaticano desde pelo menos 1481. Em referência a Hebreus 9:2, Wilson explica em uma nota de rodapé como segue: "A leitura do MS do Vaticano. Foi adotado como solução para uma dificuldade reconhecida e em perfeita harmonia com o relato mosaico. a mesa, e os pães da presença, E O ALTAR DE OURO DO INCENSO [maiúsculas adicionadas]; este é chamado o Lugar Santo." E ele omite a referência no v.4 ao Lugar Santíssimo "tendo um incensário de ouro".

Isso realmente se harmoniza com o relato mosaico. Mas parece que esta é a única leitura em toda a abundância de manuscritos existentes; e Westcott e Hort, que valorizavam muito o Manuscrito do Vaticano (muito alto, alguns pensaram), em seu Novo Testamento em grego, incluíram-no em sua "Lista de Leituras Notáveis Rejeitadas" em vez de em seu texto grego. Eles testificam, porém, que ela usa a palavra grega *thumiaterion* em 9:2 e omite-a em 9:4. Isso coloca a Emphatic Diaglott de Wilson do lado daqueles que traduziriam a palavra "altar de incenso", bem como "incensário". ", de acordo com o contexto. Mas tem um suporte tão infinitesimal que é extremamente precário basear um caso nele.

(NOTA: Embora existam várias fontes para as próximas duas abordagens para resolver a aparente contradição entre o texto de Hebreus 9:4 conforme ocorre nas leituras gregas geralmente aceitas e os textos do Antigo Testamento sobre o assunto, selecionaremos apenas um como representativo do resto em suas respectivas categorias.)

3. The Cambridge Commentary on the New English Bible (1967): "Êxodo 30:6 diz que [o altar de incenso] fica 'diante do véu... diante do propiciatório, e Êxodo 40:26 mostra que isso significa

fora do véu. Nosso escritor parece ter seguido Êxodo 30:6 e pensado que o altar de ouro estava dentro do véu."

Isso é equivalente a dizer que "nosso escritor" realmente usou "ter" no sentido de ter o "altar de incenso" no Lugar Santíssimo, mas interpretou mal a escritura do Antigo Testamento que seguiu e, portanto, estava errado. Isso, no entanto, não lhe dá crédito por ser (a) divinamente inspirado (o que provavelmente o comentarista, sendo um liberal, não pretendia fazer), ou (b) o astuto estudante das escrituras do Antigo Testamento que sua epístola mostra de outra forma. ele seja (se não for inspirado). É equivalente a dizer que ele (1) não sabia que as escrituras do Antigo Testamento representam o altar de incenso como tendo sido localizado no Lugar Santo em vez de no Lugar Santíssimo, ou então sabendo que alguns deles o fazem, (2) pensei que eles estivessem errados - qualquer um dos quais é certamente impensável se houver alguma solução diferente - o que estamos convencidos de que existe. Certamente, então, a explicação dada acima deve ser categoricamente rejeitada.

(NOTA: A próxima citação é um trecho de um longo parágrafo do original, mas será aqui dividida em vários subparágrafos para maior facilidade de separação e compreensão de sua sucessão de pensamentos. Embora também privilegie a tradução de "altar de incenso" em vez de "censura", apresenta um raciocínio totalmente diferente, que não possui as qualidades questionáveis do apresentado acima, seja totalmente preciso em todos os detalhes ou não. Ele argumenta vigorosamente seu caso, de vários ângulos, e é recomendado para consideração séria antes de aceitar ou rejeitar seu principal impulso e tese.

4. The Pulpit Commentary (1950) reimpressão: "Entre eles [a mesa dos pães da proposição e o castiçal de ouro], perto do véu estava o altar de incenso de ouro; que, no entanto, não é mencionado aqui como parte do mobiliário de o 'primeiro tabernáculo', sendo associado com o 'segundo', por razões que serão vistas. O 'segundo véu' era aquele entre o lugar santo e o santo dos santos (Êxodo 26:35), a cortina na entrada do lugar santo (Êxodo 36:37) sendo considerado como o primeiro. O santuário interior atrás do véu é mencionado como tendo (echousa) em primeiro lugar 'um incensário de ouro', como a palavra thumiaterion é traduzida no AV (assim também na Vulgata, thuribulum).

"Mas seguramente significa 'altar de ouro de incenso', embora esteja localmente fora do véu. Pois (1) de outra forma não haveria menção alguma a este altar, que era tão importante no simbolismo do Tabernáculo, e tão proeminente no Pentateuco, de onde toda a descrição é tirada.

"(2) A visão alternativa de ser um incensário reservado para o uso do sumo sacerdote quando ele entrou atrás do véu no Dia da Expição, não tem apoio do Pentateuco, no qual nenhum incensário é mencionado como parte do os móveis permanentes do tabernáculo, e nada de ouro é mencionado; nem, se assim fosse, teria sido colocado, assim como o altar de incenso, dentro do véu, uma vez que o sumo sacerdote o exigia antes que ele entrou.

"(3) Embora a própria palavra, thumiaterion, certamente signifique 'incensário', e não 'altar de incenso', na LXX., Ainda assim, nos escritores helenísticos é diferente. Philo e Josephus, e também Clemens Alexandrinus e Origen, sempre chame o altar de incenso thumiaterion chrusoun; e a linguagem da epístola é helenística.

"(4) A redação não implica necessariamente que o que é falado estava localmente dentro do véu: não é dito (como onde se fala do conteúdo real do 'primeiro tabernáculo' e da arca) em que (em ele), mas ter (exousa), que precisa apenas significar ter como pertencente a ele), como conectado com seu simbolismo. Era um apêndice do santo dos santos, embora não realmente dentro dele, da mesma maneira (para usar uma ilustração caseira dado por Delitzsch), pois a placa de uma loja pertence à loja e não à rua.

"É, de fato, assim considerado no Antigo Testamento. Veja Ex.40:5, 'Tu porás o altar de ouro para o incenso diante da arca do testemunho'; também Ex.30:6, 'Antes da misericórdia -assento que está sobre o testemunho'; e 1 Reis 6:22, 'O altar que estava junto ao oráculo', ou pertencente ao oráculo'; cf. Também Isaías 6:6 e Apoc.8:3, onde, nas visões do templo celestial baseadas no simbolismo do terreno, o altar do incenso é associado ao trono divino.

"E também foi associado ao cerimonial do tabernáculo. A fumaça do incenso oferecido diariamente nele deveria penetrar no véu até o santo dos santos, representando o doce aroma da intercessão diante do próprio propiciatório; No Dia da Expição, não apenas seu incenso era tomado pelo sumo sacerdote dentro do véu, mas também ele, assim como o propiciatório, era aspergido com o sangue expiatório".

### **Observações sobre o precedente do comentário do púlpito**

1. Por que selecionado para representar sua classe? O exposto acima foi apresentado porque seu principal objetivo, não necessariamente todos os seus detalhes, é uma das apresentações argumentadas de forma mais completa e convincente em sua categoria examinada para este estudo, e sua tese básica é apresentada por uma série de comentários altamente respeitáveis como praticamente autossuficiente. -evidente. Mencionamos dois.

(1) A Bíblia do Expositor: "A ele [o Lugar Santíssimo] pertencia o altar de incenso (pois assim devemos ler no quarto verso, em vez de 'incensário de ouro'), embora seu lugar real fosse no santuário externo [o Lugar Santo]. Ficava diante do véu para que o sumo sacerdote pudesse tirar dele o incenso, sem o qual não lhe era permitido entrar no santuário; e quando ele saiu, aspergiu-o com sangue como havia aspergido o lugar mais sagrado em si."

(2) A Epístola aos Hebreus, de Charles R. Erdman: "O autor menciona o 'altar de ouro do incenso' como pertencente ao Santo dos Santos por causa de sua estreita associação com este lugar santíssimo no antigo ritual. O altar representava adoração; o Santo dos Santos simbolizava a manifestação de Deus. Assim, os dois são colocados em conexão imediata."

É justo dizer, no entanto, que há várias traduções que não apóiam a posição anterior, mas sim a do The Cambridge Commentary on the New English Bible, que é apresentado acima antes de citar o The Pulpit Comentário. Em vez de traduzir a palavra grega echousa ("tendo"), eles substituem uma palavra ou frase interpretativa, como Goodspeed (o altar de incenso "ficava" no Lugar Santíssimo), Moffatt (o Lugar Santo 'contendo'), Good News Bible (estava "no" Lugar Santíssimo, New English Bible ("aqui" era o altar de incenso "além da segunda cortina") - uma lista que poderia ser estendida.

Mas entre aqueles que traduzem echousa literalmente e, portanto, como "tendo" (ou "tinha"), conforme interpretado pelo The Pulpit Commentary e outros de sua classe, estão, em ordem alfabética, o Amplified New Testament, American Standard Version, Berry's Interlinear, Diaglott enfático (embora omitindo "altar dourado de incenso" ou "incensário dourado" da lista que o Lugar Santíssimo teria), Bíblia de Jerusalém, Versão King James, Oráculos Vivos, Marshall's Interlinear, New American Standard Bible, New International Versão, Nova Bíblia King James, Versão Padrão Revisada, Rotherham, Weymouth - também uma lista que poderia ser estendida.

2. Declarações sujeitas a contestação. Algumas declarações da citação acima de The Pulpit Commentary, embora não sejam a essência de seu impulso principal, ainda assim convidam a questionamentos, se não a desafios. E é justo chamar a atenção para eles com base no princípio bíblico: "Prove todas as coisas; retenha o que é bom" (1 Tessalonicenses 5:21).

(1) No argumento (2) afirma-se que se um incensário de ouro tivesse sido reservado para uso do sumo sacerdote atrás do véu no Dia da Expição, ele não "teria sido colocado, assim como o altar de incenso, dentro do véu, visto que o sumo sacerdote o exigia antes de entrar".

No início, citamos Macknight dizendo que o escritor de Hebreus "pode ter aprendido com os sacerdotes que o incensário usado pelo sumo sacerdote no dia da expiação era de ouro e que foi deixado por ele no interior do tabernáculo, então perto do véu, que, quando ele estava prestes a officiar no próximo ano, colocando a mão sob o véu, ele poderia retirá-lo para enchê-lo com brasas antes de entrar no lugar santíssimo para queimar incenso". E sublinhamos sua palavra "pode", dizendo que estávamos fazendo isso porque, da mesma forma, ele pode não ter aprendido.

Agora, da mesma forma, temos que dizer que, embora o incensário possa não ter sido guardado no Lugar Santíssimo perto do véu, de modo a ser retirado pelo sumo sacerdote colocando a mão sob o véu e alcançando-o, ele certamente é demais dizer que não teria sido armazenado lá "já que o sumo sacerdote o exigia antes de entrar". Pois ele poderia tê-lo obtido da maneira mencionada por Macknight, antes de entrar e queimar incenso sobre ele, caso fosse assim armazenado.

(3) No argumento (3) sugere-se que, uma vez que a linguagem da Epístola aos Hebreus é "helenística", e os escritores helenísticos como Filo e Josefo, e também Clemente Alexandrino e Orígenes, "sempre chamam o altar de incenso de thumiaterion chrusoun", o escritor do hebraico faria o mesmo em vez de usar thumiaterion no sentido de "incensário" como feito pela LXX, como se a própria LXX não fosse helenística, o que era.

A palavra "helenístico" deriva de Hellen, o ancestral mitológico dos helenos, ou gregos, que originalmente viviam na Grécia, ou Hellas (a palavra grega para Grécia). E outra palavra com a mesma derivação é helênica." Esses dois termos aplicados à língua, cultura e afins, referem-se a isso em dois períodos históricos separados pela conquista de Alexandre, o Grande, no século IV aC - aquele antes referido como helênico ou clássico, e o último falado como helenístico. A LXX é posterior a Alexandre, o Grande, em mais de um século e foi uma tradução helenística no sentido que acabamos de mencionar.

Mas "helenístico" pode ter sido usado pelo The Pulpit Commentary em contraste com "hebraístico", pertencente a "helenistas" ou gregos, em contraste com "hebraístas" ou hebreus.

Em Atos 6:1, mencionamos os "helenistas" (gregos) como distintos dos "hebreus" - os primeiros sendo judeus da dispersão e de cultura e língua grega, e os últimos sendo judeus da Palestina, cuja cultura era basicamente hebraica. e hebraico (aramaico) sua língua nativa. A própria LXX foi uma tradução dos helenistas, para colocar o pensamento hebraico das escrituras do Antigo Testamento na língua helenística ou grega.

Os helenistas que traduziram a LXX estavam mais próximos do período helênico do que o escritor do hebraico e seus contemporâneos e podem ter tido uma afinidade mais próxima com o grego clássico do que com o grego coíné do período do Novo Testamento. Ainda assim, a LXX era o Antigo Testamento dos cristãos judeus e gentios do primeiro século dC, e eles estavam tão familiarizados com ela que o escritor de Hebreus fez uso dela predominantemente. Portanto, não parece haver muito em jogo se ele era helenístico em contraste com ser "helênico" ou "hebraico".

Além disso, lembre-se que sob a legenda de "O Texto Grego de Hebreus 9:4", chamamos a atenção para o fato de que o escritor helenístico Josefo é citado por Thayer como usando thumiaterion, a palavra em Hebreus 9:4, tanto para "incensário" e altar de incenso." Isso anula completamente o argumento do The Pulpit Commentary citado acima contra a compreensão de thumiaterion no sentido de "incensário" porque Hebreus é uma epístola helenística. Isso significa que outras considerações devem indicar o que se quer dizer, não simplesmente a própria palavra.

4. À primeira vista, pode parecer que o argumento (4) acima também é um pouco forçado. Mas quanto mais se pensa na palavra "ter", mais se torna evidente que ela pode de fato ser usada para "pertencer a" sem indicar localização física. Conforme observado anteriormente, cada um de nós tem coração, fígado e estômago, que estão dentro da cavidade do corpo físico, mas também pernas e braços, que são apêndices do corpo, mas não localizados dentro dele com os órgãos mencionados acima. A maioria das pessoas também "tem" posses que nem mesmo são apêndices - como casas, terrenos, automóveis, ou o que quer que seja. Portanto, a "ilustração caseira de Delitzsch" de uma loja "tendo" uma placa que pertence à loja e não à rua, embora esteja fora da loja,

E isso parece tornar irrefutável e convincente a conclusão e ênfase do Testamento Grego do Expositor, de que a mudança de "onde" em Hebreus 9:2 para "tendo" em 9:4 não é acidental, mas proposital e significativa, como segue:

"Como tem sido freqüentemente instado, é incrível que, ao descrever a mobília do tabernáculo, não haja menção ao altar de incenso. A dificuldade foi sentida em relação à posição aqui atribuída a ele, pois, de fato, ficava fora do véu. , e o autor foi acusado de erro. Mas a mudança de en he [em que] para echousa [tendo] é significativa e indica que não eram precisamente suas relações locais que ele tinha em vista, mas sim suas associações rituais, 'suas estreita conexão com o ministério do Santo dos Santos no dia da expiação, do qual ele está falando '(Davidson). fora (Êxodo 30:1-6). 'Tu o porás diante do véu (apenanti t.katapetasmatos) que está sobre a arca do testemunho, e no versículo 10, 'é santíssimo (hagion ton hagion) para o Senhor.'"

Também precisa ser observado com referência ao v.10, que em sua totalidade se lê: "E Arão fará expiação sobre as pontas dele [o altar de incenso] uma vez no ano; com o sangue da oferta pelo pecado de expiação uma vez no ano ele fará expiação por [margem, Ou, sobre] por todas as

vossas gerações: é coisa santíssima para Jeová. Isso era semelhante ao que era feito no próprio Lugar Santíssimo em conexão com o propiciatório, onde também era queimado incenso (Levítico 16:11-14,15-16).

Além disso, em Levítico 4 é afirmado que para os pecados cometidos involuntariamente pelo sumo sacerdote ou pela congregação (obviamente durante o ano entre os dias anuais de expiação, quando o Lugar Santíssimo não podia ser acessado), o sangue do animal oferecido pelo pecado era para ser levado para dentro da tenda de reunião pelo sacerdote ungido, aspergido diante do véu (separando os lugares santos e santíssimos), e colocado "nas pontas do altar do incenso aromático perante Jeová, que está na tenda de reunião" ( vs.1-12, 13-26). Isso novamente foi semelhante ao que foi feito no próprio Lugar Santíssimo em conexão com o propiciatório, onde o incenso também foi queimado (Levítico 16:11-14, 15-16).

Além disso, em Levítico 4 é afirmado que para os pecados cometidos involuntariamente pelo sumo sacerdote ou pela congregação (obviamente durante o ano entre os dias anuais de expiação, quando o Lugar Santíssimo não podia ser acessado), o sangue do animal oferecido pelo pecado era trazido dentro da tenda de reunião pelo sacerdote ungido, aspergida diante do véu (separando os lugares santos e santíssimos), e colocada "nas pontas do altar do incenso aromático perante Jeová, que está na tenda de reunião" (vs. 1-12, 13-26). Isso novamente foi semelhante ao que foi feito no próprio Lugar Santíssimo em conexão com o propiciatório, onde o incenso também foi queimado (Levítico 16:11-14, 15-16).

Nenhum outro artigo de mobiliário no Lugar Santo é mencionado como tendo tanta afinidade, tanto em comum, com o Lugar Santíssimo.

### **Conclusão e Explicação**

Como resultado do impacto cumulativo de fatores que influenciam o assunto em questão, o autor desta resenha teve que reverter a convicção com a qual começou. Ele começou com a persuasão de que em Hebreus 9:4 a tradução de "o incensário de ouro" (King James Version) é preferível a de "um altar de ouro de incenso" (American Standard Version). (A propósito, não há "o" no texto grego, de modo que "a" é perfeitamente permitido.) Ele reconheceu a possibilidade de thumiaterion ser traduzido como "incensário" ou "altar de incenso", dependendo do contexto. Mas ele considerou o fato de que o escritor de Hebreus usou a LXX predominantemente em suas citações e alusões aos escritos do Antigo Testamento, e que o único uso no LXX de thumiaterion era para "incensário", tornou provável que esse também fosse o uso feito em Hebreus 9:4. Que ele pensou ser a explicação mais simples que explica mais, da maneira mais satisfatória.

E Robert Milligan, que participou da formação de minha interpretação anterior, em seu comentário sobre Hebreus publicado em 1875, que ainda é um dos melhores disponíveis, época em que nosso tópico era altamente controverso e ele se esforçou para representar todos os principais pontos de vista de maneira justa. , concluiu dizendo: "No geral, concordo com Alford, e posso dizer com a maioria dos comentaristas antigos e modernos, que o 'equilíbrio se inclina para a interpretação do incensário; embora eu não sinta de forma alguma que a dificuldade é totalmente removido; e eu saudaria com prazer qualquer nova solução que possa esclarecê-lo ainda mais."

É minha convicção que em minha pesquisa desta vez, que é muito mais extensa do que qualquer outra que já fiz ou poderia levar tempo antes ou mesmo esperar para agora, e encontrando dados não mencionados por Milligan, posso ter descoberto detalhes que não tinham chamar sua atenção - detalhes que fariam pender a balança para o outro lado para ele, assim como fizeram para mim. Isso me deixa mais confortável agora com a interpretação do "altar" - embora não tão ligado a ela que mais informações em contrário não possam fazer pender a balança de volta para a interpretação do "incensário". E compartilhei esses dados nesta revisão para consideração e avaliação do leitor por si mesmo, não para tentar impor minha persuasão recém-chegada a ele ou ela. Além disso, em vez de simplesmente dar minhas conclusões,

Fazer isso, no entanto, tomou muito mais espaço do que o previsto no início, pois então eu havia apenas mapeado um pouco a rota que seguiria, não os detalhes que incluiria ao descobrir o que para mim eram importantes para avaliação. Além disso, partes dele podem ser muito detalhadas e/ou técnicas para o interesse de alguns. Mas tal está incluído para meu próprio registro, bem como para o benefício de quaisquer outros que possam estar interessados nele.

Também pode ser mencionado que frequentemente encontrei material que teria sido útil em seções já escritas, e voltei e fiz uso dele lá. Isso significa que alguns pensamentos são refletidos mais cedo na revisão do que ocorreram no processo de pesquisa e redação original. Caso alguns itens pareçam estar colados em algum lugar e não integrados aos demais, o que acabou de ser mencionado pode ser o motivo.

Com essas explicações, espera-se que o estudante sério leia e pondere sobre o que foi dito várias vezes -- porque pode ser muito para ser digerido em uma leitura.

## **TERMO ADITIVO**

### **Sinopse e Comparação das Opções de Interpretação**

Isso é para dar uma apresentação resumida dos pontos de vista já discutidos e documentados, a fim de trazê-los para um foco para comparação e avaliação mais fáceis - dois envolvendo a interpretação do "incensário de ouro" e três envolvendo a interpretação do "altar de ouro do incenso".

1. Interpretação do "Incensário Dourado", em Referência ao Tabernáculo: (a) Teria sido favorecida lingüisticamente no grego helênico ou clássico, mas não no grego helenístico como previamente suposto por alguns -- incluindo eu mesmo antes da presente extensa pesquisa; (b) omite qualquer menção ao "altar de ouro do incenso" em qualquer parte do tabernáculo, ao passo que é destacado nos textos do Antigo Testamento (c) nenhum incensário é mencionado nos textos do Antigo Testamento ou em outros registros históricos que vi citados como sendo móveis "no" Lugar Santíssimo, e nenhum ouro mencionado como sendo usado nele. A menos e até que evidências históricas sejam produzidas a seu favor, esta interpretação deve agora ser considerada como conjectural e, portanto, menos do que satisfatória.

2. Interpretação do "incensário de ouro", em possível referência ao templo de Salomão em vez do tabernáculo: Mas (a) o escritor de Hebreus não faz nenhuma referência óbvia à estrutura do templo, mas ao tabernáculo "fundido" pelo homem (8:2) e "feito" por Moisés (8:5); e (b) e

nenhuma menção é feita nas escrituras do "oráculo" do templo (Lugar Santíssimo) como tendo qualquer mobília, exceto a arca da aliança e os querubins que a cobrem. Portanto, as escrituras que descrevem o templo de Salomão não oferecem nenhuma ajuda para resolver o problema de Hebreus 9:2-4.

3. Interpretação do "Altar do Incenso", mas Colocando o Altar no Lugar Santo; Isso ocorreu na versão de Emphatic Diaglott (1864), de Benjamin Wilson. Sua explicação foi: "A leitura do MS do Vaticano foi adotada como solução para uma dificuldade reconhecida e em perfeita harmonia com o relato mosaico". Isso sim, mas é uma leitura que parece não ter apoio de nenhum outro dos abundantes manuscritos existentes, e entre os estudiosos textuais é considerada espúria. Mesmo Westcott e Hort, que valorizavam bastante o Manuscrito do Vaticano como um todo (muito alto, alguns pensaram), em vez de incluí-lo em sua recensão do Novo Testamento em grego, o colocaram em sua "Lista de Leituras Notáveis Rejeitadas". Então,

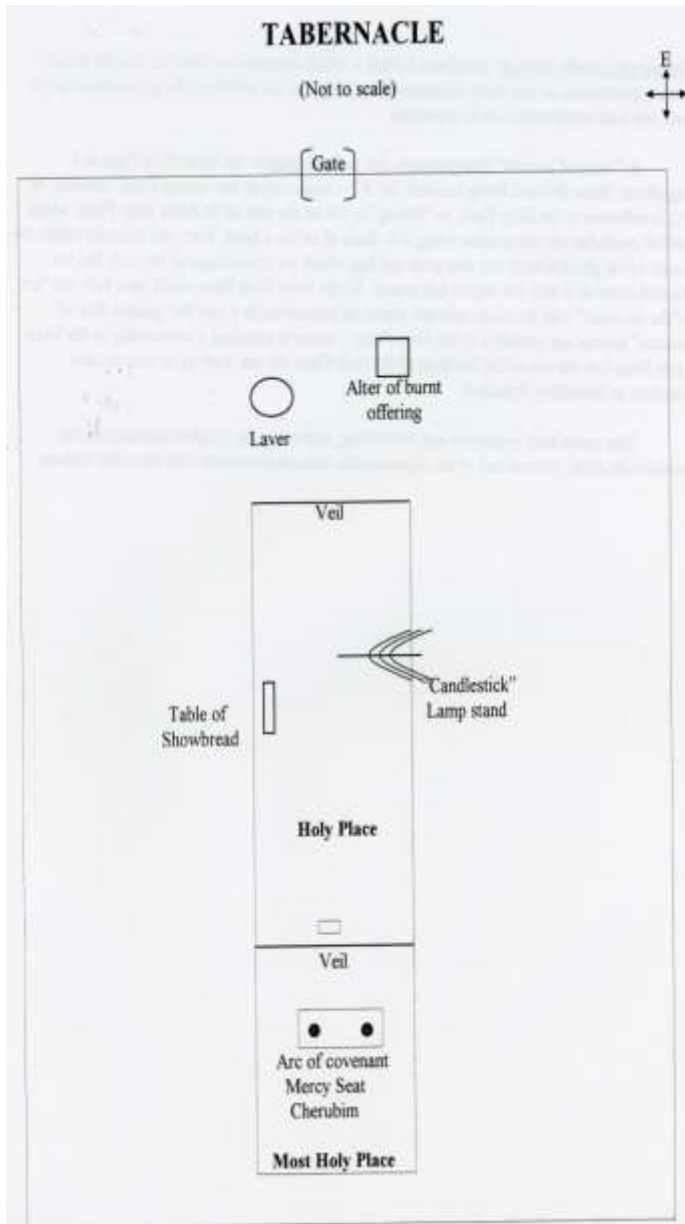
4. Interpretação do "Altar de Incenso", mas Acreditando que o Escritor de Hebreus erroneamente pensou que o Altar de Ouro Estava Dentro do Véu" -- isto é, dentro do Lugar Santíssimo. Tal é apresentado no The Cambridge Commentary on the New English Bíblia (1967. Reflete, no entanto, contra (a) não apenas a inspiração do escritor de Hebreus, mas contra (b) seu entendimento do Antigo Testamento, que de outra forma parece grande demais para ele ter cometido um erro como esse, se ele tivesse sido inspirada e, portanto, não pode ser aceita como uma solução satisfatória.

Muito mais aceitável seria o comentário de AE Harvey em seu Companion to the New Testament (of the New English Bible), dizendo: "É estranho que este escritor pareça pensar neste altar na sala interna - a menos que ele esteja falando disso como um complemento necessário da sala interna, embora não realmente dentro dela" (ênfase adicionada) - comentário que deixamos de incluir em nossas observações iniciais sobre a interpretação acima mencionada, mas que é uma introdução adequada para a próxima e última interpretação a ser apresentado.

5. Interpretação do "Altar de Incenso", mas como Pertencendo ao Lugar Santíssimo em um Sentido Significativo Sem Estar Localizado 'Nele'" - apoiado pela mudança de "onde" em 9:2 em referência ao Lugar Santo, a "ter" em 9:4 da parte do Lugar Santíssimo, o que não exclui nem exige estar nele. Cada um de nós tem coração, fígado e estômago dentro da cavidade do corpo físico, mas também braços e pernas que são apêndices do corpo, mas não localizados dentro dele com os órgãos que acabamos de citar. Assim, o Lugar Santíssimo poderia ter tanto a "arca da aliança" com seu propiciatório e querubins localizados dentro dela quanto o "altar de ouro do incenso" localizado fora dele no Lugar Santo - onde mantinha uma relação com o Lugar Santíssimo que o resto do mobiliário do Lugar Santo não tinha, tanto quanto à localização quanto à função, como descrito até agora.

Isso parece irrefutável e convincente, e certamente a explicação mais simples que explica mais, sem nenhum dos recursos censuráveis associados às outras opções.





### Coisas nos Céus Purificadas

Hebreus 9:23

Texto: "Era necessário, portanto, que as cópias das coisas que estão nos céus fossem purificadas com estes [sacrifícios de animais], mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes."

Isso se refere a uma diferença "necessária" no elemento "purificador" das realidades celestiais e de suas "cópias" terrenas, e coloca uma questão sobre quais são as "coisas nos céus" ou "coisas celestiais" que precisam de purificação, e por que eles precisam disso. E pode estar além de nossa capacidade de determinar com certeza, pois tem sido um enigma para alguns dos mais astutos estudiosos textuais.

## Citações de estudiosos

1. Robert Milligan menciona que foi alegado que a "necessidade mencionada acima surge do pecado dos anjos que não guardaram seu primeiro estado, mas que em consequência de sua rebelião foram lançados no Tártaro (2 Pedro 2:4; Judas 6)." "Mas", diz ele, "os anjos não são incluídos em nossas premissas e, portanto, não devem ser forçados a tirar nossas conclusões. Veja a nota no cap. 2:16." (Comentário sobre Hebreus.)

2. AT Robertson diz: "Para nós parece um pouco forçado falar do ritual de purificação ou dedicação do próprio céu pela aparição de Cristo como Sacerdote-Vítima. Mas todo o quadro é altamente místico" (Word Studies in the New Testament).

3. O Testamento Grego do Expositor cita Bruce da seguinte forma: "Prefiro não fazer nenhuma tentativa de atribuir um significado teológico às palavras. Prefiro torná-las inteligíveis para minha mente pensando na glória e honra acumuladas até no céu pela entrada lá do 'cordeiro de Deus'. Acredito que há mais poesia do que teologia nas palavras."

Por outro lado, porém, seu editor de Hebreus, Marcus Dods, continua dizendo:

"Mas dificilmente é permitido excluir neste ponto do argumento do autor a inferência teológica de que em algum sentido e em alguma relação os lugares celestiais precisam de purificação. O tabernáculo terrestre, como morada de Deus, poderia ter sido santificado por Sua presença e não precisa de purificação, mas sendo também o seu lugar de encontro com os homens, exigia ser purificado. E assim nossas relações celestiais com Deus, e tudo com o qual procuramos nos aproximar Dele, precisam de purificação. Em si mesmas, as coisas celestiais não precisam de purificação, mas como entramos por homens pecadores, eles precisam disso. Nossas relações eternas com Deus requerem purificação.

4. Da mesma forma, Marvin R. Vincent cita Delitzsch como segue: "Se a cidade celestial de Deus, com seu Lugar Santo, é, de acordo com a promessa, destinada ao povo da aliança, para que eles possam alcançar a perfeita comunhão com Deus, então sua culpa contaminou essas coisas sagradas, bem como as terrenas, e elas devem ser purificadas da mesma forma que a lei típica apontada para as últimas, apenas não pelo sangue de um imperfeito, mas de um sacrifício perfeito" (Estudos da Palavra em o Novo Testamento).

5. Albert Barnes, no entanto, abrevia o assunto com as seguintes palavras: "O uso da palavra purificado, aqui aplicada ao céu, não implica que o céu era antes profano, mas denota que agora é acessível a pecadores; ou para que venham e adorem ali de maneira aceitável" (Notas sobre o Novo Testamento).

6. Por outro lado, Robert Milligan afirma novamente: "Nada menos que a purificação real das 'coisas celestiais', parece-me, atenderá razoavelmente aos requisitos do texto. E, portanto, estou inclinado a pensar que, no momento, , pelo menos, isso é para nós mais uma questão de fé do que de filosofia. os próprios céus não são limpos aos seus olhos (Jó 15:15), talvez possamos entender mais claramente do que agora, como é que 'as coisas celestiais', abrangendo até a cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, deveria precisar ser purificado com o sangue expiatório do

Senhor Jesus. O fato em si parece ser claramente revelado em nosso texto; mas a razão disso não é tão óbvia."

Então ele pergunta: "Pode ser devido ao fato de que muitos dos santos foram admitidos no céu em antecipação à morte de Cristo e que, embora justificados pela fé, pela graça e tolerância de Deus, eles, no entanto, exigiram a purificação aplicação do sangue de Cristo quando derramado, a fim de torná-los absolutamente santos. Veja notas no cap.9:15." (Comentário sobre Hebreus.)

Partimos da premissa de que Milligan, em sua primeira frase citada acima, e não Barnes, está correto. Mas, por favor, tenha em mente a última palavra "antes" e, da mesma forma, a pergunta de Milligan que acabamos de observar, ambas as quais teremos oportunidade de referir novamente em "Observações Finais".

### **Observações da Escritura**

1. A Primeira Aliança e o Tabernáculo Terrestre. As "cópias das coisas que estão nos céus" eram o tabernáculo terrestre erguido por Moisés e seus móveis e utensílios (vs.1-5, 18-22). Eles foram associados com o primeiro "testamento" ou "aliança" feito no Sinai com o Israel carnal, que foi "dedicado" com o sangue de bezeros e bodes, aspergido sobre "o próprio livro e todo o povo" (vs.18-20 ).

A palavra grega para "dedicado" é egkekainistai, uma forma de egkainizo, 1. Renovar (2 Crônicas 15:8). 2. Fazer de novo, de novo (Sir. 33(36).6). 3. Iniciar, consagrar, dedicar (Deuteronômio 20:5; 1 Reis 8:63; I Samuel 11:14, etc.; Hebreus 9:18; 10:20) -- de acordo com Thayer. Milligan sugere "inaugurado" como o melhor sentido em 9:18, onde é dito que "a primeira aliança não foi "dedicada sem sangue".

(NOTA: Parece que Thayer deveria ter incluído 1 Samuel 11:14 na categoria No.1, "para renovar", em vez da categoria N.3.)

2. A Segunda ou Nova Aliança e o Tabernáculo Celestial. A "primeira" aliança ou testamento foi tirada por Cristo, "para que ele possa estabelecer a segunda" (10:9), da qual "nova aliança" ele é o mediador (9:15), e seu sangue é o sangue de dita aliança (Mateus 26:28; Marcos 14:24; Lucas 22:20; 1 Coríntios 11:25) - através do qual sangue ele "entrou de uma vez por todas no lugar santo [o próprio céu, Hebreus 9:24], tendo obtido a redenção eterna" (Hebreus 9:12).

"Temos ... um sumo sacerdote, que se assentou à direita do trono da Majestade nos céus, ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo, que o Senhor fundou, não o homem [em contraste com a cópia terrena]. . . . Ora, se ele estivesse na terra, não seria sacerdote de modo algum, visto que há os que oferecem dons segundo a lei, os quais servem ao que é figura e sombra do celestial coisas, . . . Mas agora alcançou ele ministério tanto mais excelente, quanto mais é também mediador de uma melhor aliança, que está confirmada em melhores promessas" (8:1-6).

"Porque, se o sangue de bodes e touros [oferecidos sob a primeira aliança], e a aspersão das cinzas de uma novilha sobre os que foram contaminados, santifica para a pureza [cerimonial] da carne: quanto mais o sangue de Cristo, que através do [ou, seu] Espírito eterno se ofereceu a si

mesmo sem mácula a Deus, limpando sua consciência de obras mortas para servir a um Deus vivo?" (9:13-14).

(NOTA: observe quão intimamente "dedicação", "santificação" e "purificação" parecem estar associadas. E isso é reforçado pela declaração de 1 Tessalonicenses 4:3-7, como segue: "Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação; que vos abstenhais da fornicação; que cada um de vós saiba possuir-se do seu próprio vaso em santificação e honra, não na paixão da concupiscência, como os gentios que não conhecem a Deus; que nenhum o homem transgreda e prejudica seu irmão neste assunto: porque o Senhor é vingador em todas estas coisas, como também nós vos advertimos e testificamos. Porque Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santificação.")

Novamente, "tendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, [ele] assentou-se à direita de Deus; ... Porque com uma só oferta aperfeiçoou para sempre os que são santificados" (10:12-14). "E dos seus pecados e das suas iniquidades não me lembrarei mais" (v.17).

NOTA: Isso não significa que, quando alguém se torna cristão, até mesmo os pecados que ele possa cometer no futuro também são eliminados; mas significa que uma vez que qualquer pecado é perdoado, ao contrário da lei de Moisés, não é lembrado novamente anualmente e precisa ser expiado novamente ano após ano, mas perdoado para sempre, mas a eficácia do sangue de Jesus Cristo continua para sempre disponível para a purificação dos pecados cometidos pelos cristãos depois que eles se tornam tais.)

3. Benefícios práticos sob a nova aliança para aqueles que ainda estão na Terra. Com base no sumo sacerdócio de Cristo e nas bênçãos superiores que ele disponibiliza, os cristãos são admoestados a "chegar-se com ousadia ao trono da graça [que deve ser pensado como estando no céu], para que possamos receber misericórdia [que envolve o perdão dos pecados conforme necessário] e achar graça para nos ajudar [também de outra forma] em tempo de necessidade" (4:16). "Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário [onde estão Cristo e o "trono da graça", e os benefícios de seu sangue derramado serão obtidos] pelo sangue de Jesus, pelo caminho que ele abriu para nós, um novo e vivo caminho, através do véu, isto é, sua carne; e TENDO um grande sumo sacerdote sobre a casa de Deus; aproximemo-nos com verdadeiro coração em plena fé" (10:19-22a).

(NOTA: A aproximação "próxima" que fazemos agora [através da "melhor esperança" que temos em Cristo, 7:19] parece ser por meio de oração sincera e genuína adoração e obediência, enquanto esperamos o retorno de Cristo, nosso grande sumo sacerdote, e a conclusão de nossa salvação [9:27-28; cf. João 14:1-3; 1 Tessalonicenses 4:13-18] - salvação "ao extremo" [Hebreus 7:25]. A ênfase foi colocada em "sincero" e "genuíno", porque Jesus disse a alguns: "E vós invalidastes a palavra de Deus por vossa tradição. Hipócritas, bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo me honra com sua lábios, Mas o seu coração está longe de mim. Mas em vão eles me adoram, ensinando como suas doutrinas os preceitos dos homens "[Mateus 15:6b-9, ASV - a KJV da leitura do v.6, "Este povo se aproxima de mim com a sua boca e me honra com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim".])

### **Observações Finais**

1. As "coisas nos céus" ou as "coisas celestiais" devem ser as realidades das quais o tabernáculo terrestre e seus móveis e ministérios eram "cópias" e parecem incluir tanto a igreja na terra quanto a igreja de os remidos no céu (ver 12:22-24). O Lugar Santíssimo, que era uma extensão dele e através do qual se entrava no Lugar Santíssimo, deve ser a igreja na terra. Isso pode ser visto pelo fato de que se diz que os cristãos ocupam "lugares celestiais em Cristo: (Efésios 1:3; 2:6), e que "nossa pátria está nos céus" (Filipenses 3:20) - a igreja sendo O reino de Deus na terra, que, entre outras coisas, é chamado de "o reino dos céus" (ver Mateus 16:18-19).

2. Certamente Milligan dificilmente pode ser criticado por rejeitar a sugestão de que o céu teve que ser purificado com o sangue de Cristo por causa dos anjos que pecaram e foram expulsos como resultado, conforme 2 Pedro 2:4 e Judas 6 - - pois, conforme afirmado por Milligan, os anjos não são incluídos nas premissas da Epístola aos Hebreus 9 ver 2:16-17).

3. Milligan não tinha a resposta para sua própria pergunta, e faríamos bem em não ser dogmáticos com referência a ela. Mas podemos com proveito investigar e considerar suas implicações. Sua pergunta foi: "Pode ser devido ao fato de que muitos dos santos foram admitidos no céu em antecipação à morte de Cristo e que, embora justificados pela fé, pela graça e tolerância de Deus, eles, no entanto, exigiram a purificação aplicação do sangue de Cristo quando derramado, a fim de torná-los absolutamente santos. Veja notas no cap. 9:15.

O capítulo 9:15, conforme citado por Milligan, afirma que Cristo é "o mediador de uma nova aliança, que uma morte [sua própria] tendo ocorrido para a redenção das transgressões que estavam sob a primeira aliança, aqueles que foram chamados possa receber a promessa da herança eterna".

Mas isso não quer dizer que eles já o receberam. E o capítulo 11:39-40, depois de dar exemplos de antes e depois do dilúvio, e em ambas as dispensações patriarcal e mosaica, de homens e mulheres de fé, afirma: "E todos estes, tendo testemunho dado a eles por meio de sua fé, não receberam a promessa, provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados".

E de Davi, que foi incluído na lista dos fiéis (11:32), o apóstolo Pedro disse no Pentecostes após a ressurreição e ascensão de Cristo, que "ele morreu e foi sepultado, e seu túmulo está conosco até este dia", e especificamente que "ele NÃO subiu aos céus" (Atos 2:29,34).

Além disso, o que era verdade para Davi poderia ser esperado para todos os outros, a menos que Enoque (Hebreus 11:5-6) fosse uma exceção, que foi mudado para não experimentar a morte e não foi mais encontrado na terra, mas provavelmente levado para o Céu ou para o Hades, não sabemos qual, exceto que o último é principalmente para os espíritos dos mortos antes da ressurreição - e Elias, não mencionado em Hebreus 11, cairia na mesma categoria de Enoque ( 2 Reis 2:11-12).

Mas, mesmo que esses dois fossem exceções ao que é dito em Hebreus 11:39-40, dificilmente constituiriam os "muitos" de Milligan. No entanto, se eles fossem tais exceções e levados para o céu em vez de irem para o Hades, o que Milligan disse sobre os "muitos" céus profanadores poderia, no entanto, ser verdade sobre a presença de Enoque e Elias.

Hades é o lugar dos espíritos que partiram entre a morte e a ressurreição e não é representado como sendo esvaziado e eliminado até a ressurreição geral e o julgamento (Apocalipse 20:11-15) - momento em que ("o último dia") todos os justos mortos ressuscitarão (João 6:39,40,44,54). Portanto, é provável que os espíritos de todos os mortos permaneçam no Hades até que seus corpos sejam ressuscitados. Mas o espírito de Cristo não foi deixado no Hades, pois ele ressuscitou dos mortos (Atos 2:31), e quarenta dias depois ascendeu ao céu (1:3, 9-11) - o primeiro, parece, a morrer não mais (ver Atos 13:34).

Além disso, em conexão com a morte e ressurreição de Cristo, "o véu do templo rasgou-se em dois de alto a baixo; e a terra tremeu; e muitos corpos de santos que haviam adormecido foram ressuscitados [o que obviamente significava que seus espíritos também não foram deixados no Hades]; e, saindo dos túmulos depois de sua ressurreição, entraram na cidade santa e apareceram a muitos" (Mateus 27:51-53).

Pergunta: O retorno à vida foi apenas temporário ou eles ascenderam ao céu com Cristo? Isso não podemos responder com certeza. Mas existe a possibilidade de que o último esteja correto. Efésios 4:8 é uma referência ao Salmo 68:18, que é aplicado a Cristo, dizendo: "Quando subi às alturas, levou cativo o cativo e deu dons aos homens." Isso estava de acordo com o costume de entradas triunfais de generais militares após grandes batalhas vitoriosas - liderando um contingente de cativos como prova de vitória sobre os inimigos e jogando presentes para as pessoas ao longo da rota de marcha a partir do saque feito em batalha. Os dons aos homens no caso do retorno de Cristo ao céu eram dons espirituais na igreja primitiva, conforme Efésios 4:11-12.

O propósito para o qual a citação foi feita do Salmo 68:18 não envolvia nada além de "os dons aos homens"; mas a citação em si sim. Envolvia "uma multidão de cativos", como é traduzido na margem da versão King James. Se isso for uma referência aos ressuscitados após a ressurreição de Cristo (o que pode muito bem ser), eles foram cativos de Satanás até serem libertados por Cristo e levados para o céu com ele quando ele ascendeu e os apresentou junto com ele como prova de sua vitória. sobre Satanás e a morte, cuja vitória é mencionada em Hebreus 2:14-15.

[Nota: Para uma análise adicional de quando os espíritos dos justos partem para o Hades, consulte *Where Will Your Spirit Go When You Die?*, Joe McKinney, [www.thebiblewayonline.com](http://www.thebiblewayonline.com). -rd]

4. Considere isto, então: Que (a) uma vez que Cristo ressuscitou dos mortos no mesmo corpo em que morreu, embora tenha sido mudado de mortal e corruptível para imortal e incorruptível, conforme 1 Coríntios 15:53-54, e (b) uma vez que ele foi "feito pecado em nosso nome" (2 Coríntios 5:21), pois "Jeová fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós" (Isaías 53:6), não poderia (c) sua entrada no céu (e a de outros, se houvesse outros com ele) concebermente seria considerada como profanando o céu e tornando-o necessário para purificação antes e até que Cristo oferecesse simbolicamente seu sangue para purificação e expiação, que ele é representado como tendo feito?

(Nesse caso, os céus não seriam necessariamente considerados profanos "antes" disso, conforme Barnes, mencionado acima - a menos que já possivelmente contaminados por receber Enoque e Elias - mas agora seriam assim até "purificados" com o sangue de Cristo.)

5. Finalmente, embora não possamos responder às perguntas de Milligan ou às nossas próprias com certeza, podemos, no entanto, ser tremendamente lucrados por uma consideração séria de (a) a terrível aversão de Deus pelo pecado, (b) as consequências igualmente terríveis do pecado e a penalidade que deve ser pago vicariamente por nós se formos perdoados, e (c) a incrível e superabundante graça de Deus demonstrada para a redenção humana do pecado e sua penalidade eterna por meio de Cristo Jesus, nosso Senhor, estabelecido por Deus para ser "a propiciação, pela fé, no seu sangue, . . . para que ele mesmo seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Romanos 3:25-26; cf. 1 João 2:2-1), e (d) ser constante e cada vez mais grato por isso. Esse é o propósito principal que temos nas considerações anteriores, embora, como Paulo exclamou, "quão insondáveis são os seus juízos,

## **Ousadia e Exoração** **Capítulo 10:19-25**

### **1. INTRODUÇÃO.**

Esta é uma rica seção exortatória, com suas exortações baseadas em fatos tremendamente importantes já estabelecidos (4:14 - 10:18) ou em conclusões derivadas deles. Os fatos referem-se ao que temos (vs.19-21), introduzido pela palavra "ter". E cada uma das exortações começa com a frase "Façamos" (vs.22, 23, 24).

### **II. FATOS: "TER" (Vs.19-21).**

1. "Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus" (vs.19). "O lugar santo" aqui é "o próprio céu", no qual o próprio Cristo entrou por nós, por assim dizer, com seu próprio sangue e por meio dele - e por meio do qual ele obteve a redenção eterna para nós ( 9:24-25; cf. Vs 11-12).

Quando "pelo sangue de Jesus entramos no santuário", entramos "pelo caminho que ele nos inaugurou, um caminho novo e vivo, através do véu, isto é, da sua carne" (vs.20). - o que é o mesmo que dizer, sua humanidade. Foi somente porque ele assumiu a natureza do homem que ele pôde experimentar a morte e ter sangue para derramar por nós (veja 2:14-17). E quando ele ascendeu de volta ao céu, foi com seu corpo humano ressuscitado (mudado como o nosso será, veja 1 Coríntios 15:50-52 e Filipenses 3:20-21). Ele assim se tornou o autor (archegos, capitão ou líder principal) ou nossa salvação (Hebreus 2:10). Além disso, quando ele vier pela segunda vez, será "para a salvação" ("ao extremo", 7:25) "para os que o esperam" (9:28). Ele virá nos receber para si mesmo; que onde ele está, lá podemos estar também (João 14:3). Então, literalmente, "entraremos no lugar santo", onde ele é redimido "pelo sangue de Jesus".

Agora, porém, o fazemos apenas espiritualmente, em nossos afetos e adoração. Mas isso é de importância transcendente se quisermos entrar literalmente no depois de um tempo. E pode e deve ser feito com "ousadia", porque somos redimidos "pelo sangue de Jesus" e temos o maior motivo possível para antecipar a entrada literal quando Cristo voltar. E essa "ousadia" é um tema dominante em nossa epístola (3:6; 4:16; 10:19, 35). Não é ousadia ou imprudência, mas coragem, confiança e conforto, fundamentados no que foi feito por nós por Deus por meio de Cristo e prometido a nós para o futuro.

2. "E tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus" (vs.19) -- a saber, Jesus Cristo, cujo sacerdócio foi mencionado em 1:3, e tem sido especialmente apresentado desde 4:14 -- provendo todos a garantia subjacente e justificando a "ousadia" imposta e as exortações que se seguem.

### III. EXORTAÇÕES: "FAÇAMOS" (Vs.22-25).

1. "Aproximemo-nos" (vs.22) - isto é, continuemos a nos aproximar - "do trono da graça [no céu], para que possamos receber misericórdia e achar graça para nos ajudar em tempo de necessidade" (ver 4:16).

a. "Com um coração verdadeiro" - com toda a sinceridade, seriedade e lealdade.

b. "Em plenitude de fé" - ou "em plena certeza de fé" - fé na palavra de Deus por meio de Cristo (ver Romanos 10:17).

c. "Tendo (teve, tempo perfeito no original) nossos corações aspergidos de má consciência" - relacionado a ter "um coração verdadeiro" - uma aspersão figurativa com o sangue de Cristo (cf. 9:14,18-22) - equivalente a ter nossos corações limpos do pecado e da consciência do pecado (veja 10:2) - equivalente novamente a ter nossas vestes lavadas e branqueadas no sangue do Cordeiro (Apocalipse 7:14).

NOTA: Este e o item seguinte devem, sem dúvida, ser considerados em conjunto como tendo ocorrido em conjunto um com o outro.

d. "E tendo (temos) nosso corpo lavado com água pura" - uma referência óbvia ao batismo cristão (veja Atos 10:47-48) - todo o homem, alma e corpo, santificado para Deus (veja Romanos 12:1 ; 1 Coríntios 6:15,20 - o último versículo lendo no AV, "glorifique a Deus em seu corpo e em seu espírito, que são de Deus). (Cf. Atos 22:16; Efésios 5:26; Tito 3:5 [cf. João 3:5]; 1 Pedro 3:21\*) \* Veja Excursus em 1 Pedro 3:21.página 60

2. "Retenhamo-nos firmemente (vs.23) -- isto é, "retenhamos firmemente a confissão da nossa esperança, para que ela não vacile; pois aquele que prometeu é fiel." O AV tem "fé", possivelmente por causa da palavra "confissão", que traduz como "profissão". dois estão relacionados, como será observado abaixo. E "esperança", bem como "fé" pode ser "professado" ou "confessado". é percebida pelo tradutor como sendo uma admissão, "confissão" é a melhor tradução; se percebida como uma proclamação ou afirmação não solicitada, então "profissão" seria preferível.

"Esperança" é uma palavra realmente significativa em Hebreus, ocorrendo também em 3:6; 6:11,18; 7:19. É uma combinação de expectativa e desejo, e "fé" é "a certeza das coisas que se esperam, a convicção das coisas que não se veem" (11:1).

A razão dada para nos apegarmos à nossa esperança é que "fiel é o que prometeu". E nesse sentido, o texto de 6:13-20 precisa ser revisto.

3. "E consideremos" (vs.24-25) -- isto é, "consideremos uns aos outros para nos estimularmos ao amor e às boas obras" (vs.24).



a. "Não deixando de nos reunir, como é costume de alguns" (vs.25a) -- ou "não nos afastando de nossas reuniões, como fazem alguns" (NEB). AE Harvey comenta sobre isso da seguinte forma: "Provavelmente há mais nisso do que mera desleixo na frequência à igreja [o que deveria ser evitado]. Ficar longe sugere (em grego, se não em inglês) uma falha em permanecer firme com os companheiros Cristãos em tempos de adversidade -- e um esboço de tais tempos segue algumas linhas adiante" (The New English Bible Companion to the New Testament, 1970, pp.706-07.) Thayer também, ao definir o termo grego, *egkataleipo*, diz que pode significar "sair em apuros, deixar desamparado, (colloq. deixar em apuros)".

A ênfase neste versículo não é a falta de consideração adequada pelos irmãos quando deixamos de nos unir a eles nas assembléias cristãs, e a ênfase, começando com o versículo seguinte (26), está no perigo ao qual nos sujeitamos por não "reunir".

b. "Mas exortando uns aos outros" (vs.25b). "Um ao outro", embora implícito, não está no texto grego. A palavra "mas" introduz um contraste: "Não deixando a nossa própria congregação... mas exortando." Uma razão, portanto, para nossa reunião é o contato cristão, exortação, encorajamento e apoio mútuo - "edificação, exortação e consolação" (veja 1 Coríntios 14:3).

c. "E tanto mais quanto vedes que o dia se aproxima" (vs.25c). Isso indica a aproximação de um dia de grande provação, quando a comunhão e a exortação das assembléias cristãs seriam ainda mais necessárias, em vez de menos, para evitar o retrocesso e preservar da apostasia - um dia que eles sabiam - e se referiam a por eles como "o dia".

Alguns pensaram nisso como "o dia do Senhor" de Apocalipse 1:10, entendido pelos primeiros cristãos como o primeiro dia da semana, no qual realizavam assembléias semanais regulares. Mas o contexto, "não abandonando" as assembléias "mas exortando", parece indicar uma reunião com o objetivo de exortar uns aos outros, em vez de significar exortações cada vez mais urgentes durante a semana para reunir no próximo dia do Senhor que se aproxima.

Outros consideram que "o dia que se aproxima" é a Segunda Vinda de Cristo. Mas, embora devamos estar preparados para isso em todo e qualquer momento, somos repetidamente informados de que não sabemos quando será, incluindo o próprio Cristo quando estava na terra (Mateus 24:35-44; 25:1-13; Marcos 13:31-37; Lucas 21:33-36; 1 Tessalonicenses 4:13-5:3; etc.). No entanto, na Parábola dos Talentos de nosso Senhor, havia a sugestão da possibilidade de seu retorno não ser por "muito tempo" (Mateus 25:14-30 e v.19 em particular). Não estava "próximo" quando 2 Tessalonicenses foi escrito, e não seria antes da ocorrência de uma grande apostasia que o apóstolo Paulo havia predito anteriormente por algum tempo indefinido no futuro (2:1-12). E quando o apóstolo Pedro escreveu sua segunda epístola aos cristãos, os escarnecedores questionavam se isso aconteceria, já que havia tanto tempo depois de ter sido prometido (2 Pedro 3:1-13). Ainda. Quando ele escreveu sua primeira epístola, era hora de "começar o julgamento pela casa de Deus; e se começa primeiro por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus? dificilmente salvo, onde aparecerá o ímpio e pecador? Isso foi dito no contexto da "prova de fogo" experimentada pelos cristãos (1 Pedro 4:12-19). E há motivos para acreditar que o "julgamento" aqui mencionado se refere aos sofrimentos e calamidades preditos por Cristo nos Evangelhos. estava na hora "de começar o julgamento pela casa de Deus: e se começa primeiro por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao

evangelho de Deus? E, se o justo dificilmente se salva, onde estará o ímpio e o pecador aparecer?" Isso foi dito no contexto da "prova de fogo" experimentada pelos cristãos (1 Pedro 4:12-19). E há motivos para acreditar que o "julgamento" aqui mencionado se refere aos sofrimentos e calamidades preditos por Cristo nos Evangelhos. estava na hora "de começar o julgamento pela casa de Deus: e se começa primeiro por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus? E, se o justo dificilmente se salva, onde estará o ímpio e o pecador aparecer?" Isso foi dito no contexto da "prova de fogo" experimentada pelos cristãos (1 Pedro 4:12-19). E há motivos para acreditar que o "julgamento" aqui mencionado se refere aos sofrimentos e calamidades preditos por Cristo nos Evangelhos.

Nesse caso, é provável que "o dia que se aproxima" referido em Hebreus 10:25 seja o dia da destruição de Jerusalém, que ocorreria durante a vida da geração contemporânea de Cristo (Mateus 24:1-34; Marcos 13:1-30; Lucas 21:5-32), e ocorreu em 70 dC, em um tempo comparativamente curto depois que a epístola aos Hebreus foi provavelmente escrita, quando os sinais de sua aproximação estariam aumentando. Foi provocada por causa das crescentes tensões e confrontos entre os líderes judeus na Palestina e seus mestres romanos. E à medida que essas tensões aumentavam, a sorte dos judeus em todo o império romano tornou-se cada vez mais precária - e o mesmo com os cristãos, porque naquela época eles eram geralmente considerados uma seita de judeus e cristãos gentios como prosélitos judeus.

O Senhor predisse que haveria tribulação sem paralelo na época do cerco e destruição de Jerusalém e deu instruções a seus discípulos para que escapassem. E Eusébio, em sua História Eclesiástica, diz: "Todo o corpo, porém, da igreja em Jerusalém, tendo sido ordenado por revelação divina, dado a homens de piedade aprovada antes da guerra, removido da cidade, e habitou em uma certa cidade além do Jordão, chamada Pela. Aqui aqueles que creram em Cristo, tendo se afastado de Jerusalém, como se homens santos tivessem abandonado inteiramente a própria cidade real e toda a terra da Judéia; a justiça divina por seus crimes contra Cristo e seus apóstolos, finalmente os alcançou, destruindo totalmente toda a geração desses malfeitores da terra". (Livro III, Capítulo V.

#### 4. EXCURSUS (1 PEDRO 3:21).

1 Pedro 3:21 tem uma conexão importante com Atos 22:16 envolvendo "invocar o nome do Senhor" e com Atos 2:38 envolvendo "remissão de pecados" e uma "boa consciência". Na linguagem das escrituras, uma "boa consciência" (Atos 23:1) é uma "consciência sem ofensa para com Deus e os homens" (24:16). O AV tem 1 Pedro 3:21 dizendo que o batismo é "a resposta de uma boa consciência para com Deus", o que parece significar que é "por causa da remissão dos pecados", enquanto Atos 2:38 diz que é "para [ ou, para] a remissão de pecados." E a ASV no texto de 1 Pedro 3:21 tem o batismo como "a interrogação de uma boa consciência para com Deus", o que não parece fazer muito sentido. Mas na margem, diz: "Ou, inquérito ou apelação.

Goodspeed: "o desejo de uma consciência correta com Deus".

Williams: "o desejo por uma consciência limpa diante de Deus."

Rotherham: "o pedido a Deus por uma boa consciência".

Moffatt: "a oração por uma consciência limpa diante de Deus".

Montgomery: "a oração por uma boa consciência para com Deus".

NOTA: Isso está de acordo com Atos 2:38, "batizados em nome de Cristo para remissão dos pecados" - isto é, para ter uma boa consciência para com Deus e como expressão de um "desejo" por isso.

A palavra usada em 1 Pedro 3:21 é eperotema. O Greek-English Lexicon of the New Testament, de Thayer, diz que significa: 1. Uma indagação, uma pergunta. 2. Uma demanda. 3. Como os termos de indagação e demanda muitas vezes incluem a idéia de desejo, a palavra adquire assim seu significado de busca sincera, isto é, um anseio, um desejo intenso. Se esse uso da palavra for concedido, ele nos fornecerá a explicação mais fácil e congruente daquela passagem controversa de 1 Pedro 3:21: "que (batismo) agora nos salva [vocês] não porque, ao recebê-lo, nós [vocês] tiramos a imundície da carne, mas porque [vós] buscamos sinceramente uma consciência reconciliada com Deus".

Arndt e Gingrich, em seu Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, dizem: 1. Pergunta. 2. Pedido, apelo (eperotao 2, pedir algo a alguém) -- um apelo a Deus por uma consciência limpa 1 Ped. 3:21.

NOTA: Esse entendimento da palavra eperotema em 1 Pedro 3:21 concorda lindamente com Atos 22:16, "levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor". Ou seja, ao ser batizado para lavar os pecados, a pessoa expressa o desejo de seu coração por uma boa consciência para com Deus - na verdade, ela tem que fazer isso para ser salva. O batismo bíblico é, portanto, uma oração aberta pela remissão dos pecados. Invocar o nome do Senhor envolve oração. É invocar o Senhor.

"Porque não há distinção entre judeu e grego; porque o mesmo Senhor é o Senhor de todos, e rico para com todos os que o invocam; porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" Romanos 10:12-13). "E apedrejaram Estêvão, invocando o Senhor e dizendo: Senhor Jesus, recebe o meu espírito" (Atos 7:59).

Para ser salvo, então, de acordo com os termos da Nova Aliança, a pessoa deve invocar o nome do Senhor, e fazê-lo em conexão com seu batismo, para que se torne uma oração aberta pela remissão dos pecados.

Concluimos com o seguinte do Dicionário Teológico do Novo Testamento de Kittel (1964): "Portanto, podemos traduzir 1 Pedro 3:21: 'Não a remoção da sujeira exterior, mas a oração a Deus por uma boa consciência.'"

Também: "em vista do v.21 devemos esperar que alla [mas] seja seguido por uma purificação no sentido espiritual. Assim, o pedido de uma boa consciência deve ser interpretado como uma oração pela remissão dos pecados... remissão dos pecados está intimamente relacionado com o batismo desde o início (Marcos 1:4 e par.; Atos 2:38)." (Vol. II, p. 688.) [Discussão adicional sobre este assunto pode ser encontrada em Baptism into Christ, Joe McKinney, www.thebiblewayonline.com -rd]

## **O Sacrifício "Mais Excelente" de Abel** Capítulo 11:4

Texto: "Pela fé Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim, pelo qual testemunhou que era justo, dando Deus testemunho de seus dons; e por ela, depois de morto, ainda fala" (American Versão padrão).

### 1. OBSERVAÇÕES PESSOAIS.

A lição básica é que Abel ofereceu pela fé e foi aceito como justo, o que implica que Caim não ofereceu pela fé e, portanto, não foi aceito. Mas precisamos aprender da melhor maneira possível o significado das expressões (1) "oferecido pela fé" e (2) "um sacrifício mais excelente". Em alguns aspectos, o último é mais evasivo do que o primeiro e, portanto, mais controverso.

A referência em Hebreus é a seguinte de Gênesis 4:2b-5: "Abel era pastor de ovelhas, mas Caim era lavrador da terra. E com o passar do tempo aconteceu que Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor. E Abel também trouxe das primícias das suas ovelhas e da sua gordura. E atentou o Senhor para Abel e para a sua oferta, mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E Caim foi muito irado, e seu semblante caiu."

Deve-se observar que Gênesis não menciona nada diretamente sobre fé, mas descreve a diferença objetiva entre as duas ofertas, enquanto Hebreus menciona a diferença subjetiva (fé), mas não menciona explicitamente a diferença objetiva.

1. "Oferecido pela fé." No entanto, embora a fé não seja mencionada diretamente no relato de Gênesis em relação a nenhum dos dois, a crença na existência de Deus está implícita por parte de ambos - tanto de Caim quanto de Abel, pois ele "trouxe uma oferta a Jeová" como fez Abel. A palavra hebraica traduzida como "oferta" é *minchah*, que na LXX é traduzida por *thousia*, ou "sacrifício" em português, como ocorre em nosso texto hebraico citado acima – palavras que se referem nas escrituras a uma oferta a Deus ou a um deus.

Mas há diferentes tipos de fé -- (a) "fé" na existência de Deus, mas "à parte das obras" de obediência, que é ineficaz, "estéril", "morta"; e (b) "fé" que é eficaz, manifestando-se por suas "obras" (Tiago 2:17-26). Tanto Tiago 2 como Hebreus 11 deixam claro que é este último que é imputado ao homem como justiça. Observe também o seguinte exemplo do Antigo Testamento.

Nas águas de Meribah (Números 20:2-13), no oásis de Cades-Barnéia, normalmente abastecido por um riacho que brota de uma certa rocha, não havia água quando os israelitas liderados por Moisés e Aarão chegaram, e o povo amotinado. Deus falou a Moisés, dizendo: "Toma a vara, e ajunta a congregação, tu e Aarão, teu irmão, e fala à rocha diante de seus olhos, para que dê suas águas; e lhes darás água da rocha; assim darás de beber à congregação e ao seu gado".

Mas eles estavam aparentemente tão frustrados e zangados com o povo por sua obstinação, que Moisés falou, não à rocha, mas ao povo, dizendo: "Ouvi agora, rebeldes; devemos tirar-vos água desta rocha?" E Moisés "feriu a rocha com sua vara duas vezes", o que não foi ordenado a fazer, "e [não obstante] saiu água abundantemente, e a congregação bebeu e seu gado". Mas esse não foi o fim da história.

Jeová disse a Moisés e Arão: "Porque NÃO CRESTES EM MIM PARA ME SANTIFICAR AOS OLHOS DOS FILHOS DE ISRAEL, NÃO FARÁS ESTA ASSEMBLÉIA À TERRA QUE LHE DEI." Conseqüentemente, ambos morreram antes de entrar na terra prometida.

Foi porque Moisés e Arão naquela ocasião acreditavam menos na existência de Deus do que antes? Obviamente não. Mas eles também não obedeceram exatamente a Deus e, além disso, levaram o crédito para si mesmos pelo milagre que Deus realizaria, em vez de dar-lhe a glória e "santificá-lo" "aos olhos do povo".

2. "Um sacrifício mais excelente." Obviamente, da mesma forma, Caim, embora acreditasse na existência de Deus, não acreditou para obedecer a Deus plenamente como fez Abel. Pois, "Pela fé Abel ofereceu um sacrifício mais excelente do que Caim", de acordo com a versão King James, a American Standard Version e outras. O texto grego, entretanto, tem apenas pleiona thousian, "mais sacrifício". Mas mais em que aspecto? Quanto à qualidade, conforme KJV e ASV? Quanto à quantidade, visto que seus "dons" (plural) são mencionados? Ou, quanto aos tipos (que também são quantitativos), como alguns pensaram, aos quais a palavra "dons" também se prestaria?

O registro de Gênesis, no entanto, não menciona especificamente mais de um tipo de oferta de qualquer um. Então, se, como alguns pensam, está implícito que Abel trouxe uma oferta vegetal (uma oferta de agradecimento posteriormente incorporada na lei de Moisés), bem como um sacrifício animal (possivelmente também como uma oferta pelo pecado), o primeiro não foi o ponto de diferença nas ofertas dos dois e, portanto, não especificamente mencionado, ao passo que a falta de oferta de animais por parte de Caim foi uma diferença significativa. E em tal evento, não seria diferente de Marcos 10:46-52 relatando a cura de apenas um cego por Cristo quando ele estava saindo da cidade de Jericó, embora de acordo com Mateus 20:29-34, ele curou dois – possivelmente por causa da menção de um e identificá-lo (Bartimeu, filho de Timeu) seria mais significativo para os leitores que Marcos tinha em mente.

E a maioria das traduções, ignorando isso como opção, privilegia o conceito de mais quanto à qualidade, como a KJV e a ASV, já citadas, com a NKJV traduzindo da mesma forma. E há alguns exemplos nas escrituras do Novo Testamento em que é inquestionavelmente usado, embora muito mais freqüentemente usado com referência a quantidade ou números. As seguintes são variações da expressão "mais excelente", mas todas parecem ter a ver com qualidade: "melhor e mais aceitável" (Amplificado); "melhor sacrifício" (TCNT, NASB, JB, TEV, Spencer, Living Oracles); "sacrifício mais rico" (Moffitt); "um sacrifício superior" (Berkley); "Um sacrifício maior" (NEB).

"Melhor sacrifício" é visto como predominante nas variações de "sacrifício mais excelente". Mas a palavra grega do nosso texto não é aquela usada em outras passagens de Hebreus e traduzida como "melhor" (1:4; 7:7,19,22; 8:6; 9:23; 10:34; 11:35) -- ou seja, kreisson. E Alfred Marshall, em seu Interlinear grego-inglês (quase padrão em nossos dias) tem o seguinte em inglês sob a palavra grega para "mais": "um maior (? Melhor)". Em outras palavras, com ele há algumas ressalvas sobre "melhor" ser o sentido do texto.

A tradução de Rheims e Rotherham, "um sacrifício mais completo", pode ser interpretada qualitativa ou quantitativamente (quanto a números ou tipos). A tradução de Wemouth, Williams

e RSV, "um sacrifício mais aceitável", embora obviamente expresse o fato, não indica por que é mais aceitável.

Goodspeed, por outro lado, coloca: "A fé tornou o sacrifício de Abel maior aos olhos de Deus do que o de Caim". Isso também, embora obviamente verdadeiro, porque a fé, que vem de ouvir a palavra de Deus e resulta em obedecê-la, levou Abel a oferecer o sacrifício que ele fez, mas estava ausente em Caim e não o levou a oferecer um sacrifício semelhante. No entanto, se o que Goodspeed pretendia sugerir é que o que ele ofereceu teria sido suficiente e aceitável se apenas Caim tivesse oferecido com a mesma sinceridade e seriedade com que Abel fez sua oferta, isso dificilmente pode estar correto pelas razões já mencionadas. Esse ponto de vista, no entanto - que acreditar que uma coisa é certa a torna certa e aceitável a Deus - tem uma multidão de adeptos.

## II. CITAÇÕES DE OUTROS.

1. AT Robertson, *Word Pictures in the New Testament*: "Literalmente, 'mais sacrifício' (comparativo de polus, muito). ... Precisamente por que o sacrifício de Abel foi melhor do que o de Caim sem sua fé não é mostrado." (Essa parece uma conclusão óbvia do que notamos acima.)

2. O Comentário do Púlpito: "É comum encontrar uma razão na natureza da oferta de Abel como significando expiação, e supor que sua fé manifestada em seu reconhecimento da necessidade de tal expiação, significou para ele, como foi suposto, por ordem divina. Essa visão da intenção da narrativa é de fato sugerida pela descrição de qual era sua oferta, vista à luz da teoria sacrificial subsequente; mas não é aparente na narrativa tomada por si só ou em referência a ela na passagem diante de nós. A aceitabilidade da oferta é aqui simplesmente atribuída, por necessidade, à fé do ofertante, sem qualquer indicação de como essa fé foi demonstrada. E com essa visão do assunto concorda com o próprio registro, onde é dito que 'até Abel sua oferta o Senhor respeitou'; isto é, para Abel primeiro, e então à sua oferta." (Reservamos comentários para mais tarde, em "Conclusão").

contentou-se com a mincha, ou oferta de agradecimento: este Deus não poderia, consistentemente com sua santidade e justiça, receber com complacência; o outro, referindo-se àquele que era o Cordeiro morto desde a fundação do mundo, Deus poderia receber e testificar particularmente sua aprovação. Embora a mincha, ou oferta eucarística, fosse uma oferta muito adequada em seu lugar, ela não foi recebida, porque não havia oferta pelo pecado. O resto da história é bem conhecido.: (Para um tratamento mais detalhado e expandido por Clarke, veja seus comentários sobre Gênesis 4:3-5.) e testemunhou particularmente sua aprovação. Embora a mincha, ou oferta eucarística, fosse uma oferta muito adequada em seu lugar, ela não foi recebida, porque não havia oferta pelo pecado. O resto da história é bem conhecido.: (Para um tratamento mais detalhado e expandido por Clarke, veja seus comentários sobre Gênesis 4:3-5.)

4. James Macknight, *Epístolas Apostólicas*: "Ofereceu a Deus (pleiona thousian) mais sacrificio.' Nesta tradução, segui os críticos, que nos dizem que pleiona, [uma expressão] no grau

comparativo, significa mais em número do que em valor. Consequentemente, eles observam que, apesar de Caim deveria ter oferecido um pecado- oferta, ele trouxe apenas 'do fruto da terra uma oferta ao Senhor', que não era um sacrifício apropriado. Mas Abel, 'ele também trouxe dos primogênitos de seu rebanho, e da gordura deles'; isto é, além o fruto da terra, que era um dos presentes mencionados no versículo seguinte,\* ele também trouxe o mais gordo dos primogênitos de seu rebanho; de modo que ele ofereceu uma oferta pelo pecado, bem como uma oferta de carne [isto é, uma oferta de agradecimento], e assim mostrou tanto o senso da bondade divina quanto de sua própria pecaminosidade. Considerando que Caim, não tendo senso de pecado, pensou-se obrigado a oferecer nada além de uma oferta de carne; e o fez talvez não das primícias, ou do melhor dos frutos.

\*Deveria estarmesmo versículo, em Hebreus 11, ou seja, v.4.

### III. CONCLUSÃO.

1. A conclusão do The Pulpit Commentary dada acima, de que a oferta de Abel foi aceita porque ele foi aceito, e não por causa do tipo de sua oferta, não se encaixa com todos os fatos. O tipo de oferta que ele fez foi o resultado de sua fé, que fez com que ele e, portanto, sua oferta fossem aceitos. A implicação do Comentário é que se Caim tivesse subjetivamente o mesmo tipo de fé que Abel teve, sua oferta exatamente como era objetivamente teria sido “mais” do que era, assim como a de Abel era “mais” do que a dele. Mas certamente isso não é toda a verdade - pois se ele tivesse o mesmo tipo de fé subjetiva que Abel teve, ele não teria omitido o tipo de oferta objetiva que distinguia a de Abel da dele.

Parece apropriado permitir que o autor da seção de Gênesis do Comentário acima mencionado corrija o autor da seção de Hebreus neste ponto. Começando com a frase "A Abel e sua oferta" (Gênesis 4:4), ele comenta o seguinte: "Aceitando primeiro sua pessoa e depois seu presente (cf. Prov.12:2; 15:8; 2 Cor.8 :12). 'O sacrifício foi aceito pelo homem, e não o homem pelo sacrifício' (Ainsworth); mas ainda assim 'sem dúvida as palavras de Moisés implicam que o assunto [ênfase adicionada] da oferta de Abel era mais excelente e adequado do que o de Caim', e 'difícilmente alguém pode ter dúvidas de que essa foi a ideia do autor da Epístola aos Hebreus' (Prof. Lindsay, 'Lectures on Hebrews', Edin. 1867). O sacrifício de Abel foi pleiona , mais cheio que o de Caim; tinha mais nele; tinha fé, que estava faltando no outro. Também foi [ênfase adicionada] oferecida em obediência à prescrição divina. A prevalência universal do sacrifício aponta mais para a prescrição divina do que para a invenção do homem como sua fonte adequada. Se o culto divino fosse de origem puramente humana, é quase certo que uma maior diversidade teria prevalecido em suas formas. Além disso, o fato de que o modo de adoração não foi deixado para a engenhosidade humana sob a lei, e que a adoração de vontade é especificamente condenada na dispensação cristã (Cl 2:23), favorece a presunção de que foi divinamente designado desde o início ." Se o culto divino fosse de origem puramente humana, é quase certo que uma maior diversidade teria prevalecido em suas formas. Além disso, o fato de que o modo de adoração não foi deixado para a engenhosidade humana sob a lei, e que a adoração de vontade é especificamente condenada na dispensação cristã (Cl 2:23), favorece a presunção de que foi divinamente designado desde o início ." Se o culto divino fosse de origem puramente humana, é quase certo que uma maior diversidade teria prevalecido em suas formas. Além disso, o fato de que o modo de adoração não foi deixado para a engenhosidade humana sob a lei, e que a adoração

de vontade é especificamente condenada na dispensação cristã (Cl 2:23), favorece a presunção de que foi divinamente designado desde o início ."

A justificativa do autor de Hebreus de The Pulpit Commentary para a conclusão que contestamos é apresentada na primeira parte de nossa citação dele acima, como segue: "É comum encontrar uma razão na natureza da oferta de Abel como significando expiação , e supor que sua fé se manifestou em seu reconhecimento da necessidade de tal expiação, significada a ele, como foi suposto, por ordem divina. Essa visão da intenção da narrativa é realmente sugerida pela descrição de qual era sua oferta, visto à luz da teoria sacrificial subsequente [talvez "história" ou "filosofia" sacrificial seria um termo melhor; mas não é aparente na narrativa tomada por si só, ou na referência a ela na passagem diante de nós "(ênfase adicionada).

Com essa afirmação culminante, concordaríamos, mas insistiríamos que ela ainda não dá nenhuma razão para acreditar que a fé obediente não resultaria em sacrifício de animais tanto por parte de Caim quanto de Abel. Quanto a quanto Deus havia revelado da filosofia divina por trás da exigência do sacrifício de animais, não sabemos. Mas parece provável que os antigos fossem mais bem informados do que o Antigo Testamento dá a conhecer. Por exemplo, Jesus informou os judeus, dizendo: "Seu pai, Abraão, regozijou-se em ver o meu dia, e ele o viu, e se alegrou" (João 8:56) - uma coisa não aparente à parte da revelação do Novo Testamento.

2. Macknight, em suas Epístolas Apostólicas, afirma que os críticos "nos dizem que pleiona, no grau comparativo, significa mais em números do que em valor". Se ele estiver correto, pois esse é seu uso predominante. Mas há algumas exceções óbvias, como em Mateus 12:41,42; Lucas 11:31,32 (uma passagem paralela); e Atos 15:28, onde "maior" dificilmente pode ser melhorado na tradução. Nas passagens paralelas, Jesus é "mais" (maior) do que Salomão ou Jonas. E o outro fala de "não maior [mais] fardo do que essas coisas necessárias". Porém, mesmo neste último, o que tornaria o fardo "mais" seria mais coisas em número. Mas em Mateus 6:25 e seu paralelo em Lucas 12:23, citando Jesus dizendo: "Não é a vida mais [pleion] do que a comida,

3. Assim, parece que nem todos os argumentos de Clarke e Macknight podem ser provados conclusivamente, mas nenhum deles pode ser refutado conclusivamente, e que, considerando todas as coisas, o peso da probabilidade está consideravelmente a seu favor. Ou assim parece a este escritor, com base nas seguintes considerações:

(a) No texto de Hebreus, diz-se literalmente que Abel ofereceu "mais sacrifício" do que Caim. Na ausência de um contexto indicando o contrário, a palavra "mais" provavelmente significa mais em número do que em valor, e o próprio texto menciona os "dons" de Abel (plural).

(b) O relato de Gênesis também se presta a tal interpretação. Caim trouxe um tipo de oferta, a saber, o fruto da terra, mas Abel "também trouxe das primícias do rebanho e da sua gordura". Isto é, ele não apenas trouxe o tipo de presente que Caim havia trazido, mas também o outro tipo adicional - portanto, "presentes", plural, de acordo com o texto de Hebreus.

(c) "Primícias" e "gordura" (gordura de animais mortos em sacrifício) eram características de certas ofertas exigidas pela lei de Moisés 25 ou mais séculos depois e, portanto, não se originaram da legislação sinaítica. O mesmo acontecia com as ofertas de vegetais. sob a lei de Moisés,



sacrifícios de animais, bem como ofertas de vegetais, eram usados como ofertas de agradecimento, embora apenas sacrifícios de animais fossem usados como ofertas pelo pecado, exceto em extrema pobreza, quando as ofertas de vegetais prescritas podiam ser substituídas (Levítico 5:11-13). . Assim, as ofertas de Caim e Abel (e com toda a probabilidade de Adão antes deles) foram protótipos daquelas legisladas séculos depois na Lei de Moisés no Monte Sinai.

(O precedente é oferecido por qualquer valor que possa ser considerado, mas sem tentar forçar suas conclusões. E qualquer dado ou argumento em contrário seria bem-vindo.)